

Este Diário começou a ser escrito a 19 de Março de 2020, primeiro dia do Estado de Emergência (em Portugal), em tempo de pandemia de Coronavírus.

A minha intenção inicial era a de fazer um curto registo do meu quotidiano e do mundo que via na vizinhança enquanto durasse o Estado de Emergência. Quis socializar e decidir fazer posts diários com estes textos no Facebook

A 21 de março, a médica alergologista que me acompanha há anos mandou-me ficar fechada duas semanas, sem ver ninguém porque tive 37,4º nesse dia. Não voltei a ter febre nem qualquer sintoma de nada, ela achou que não valia a pena fazer o teste e nunca consegui que a Linha Saúde 24 atendesse. Nunca mais pensei no assunto porque não tive mais espécie nenhuma de sintomas.

Os posts foram tendo leitores, muita gente em teletrabalho como eu, e quando terminou o EE resolvi continuar porque a minha vida ia continuar na mesma, ou seja virada do avesso, de pantanas. Alterei ligeiramente a hashtag que escolhi para iniciar cada novo registo, que têm sempre muito de pessoal sem nunca pessoalizar demais, procurando nunca revelar detalhes privados que não devam ser partilhados com leitores que nem sempre conheço.

Há uma linha de continuidade que atravessa estes 170 dias: a construção de um grande condomínio de luxo ao lado e em frente da sala de estar, onde trabalho, numa mesa que está junto à janela. Os operários dessa obra foram os meus grandes companheiros de jornada durante os dias mais duros do confinamento, embora nunca tivéssemos trocado uma palavra. Devo dizer e está registado no Diário, que o número de trabalhadores diminuiu na obra, ficando apenas os mais frágeis, quase todos africanos, na fase mais crítica do EE.

Deveria ter regressado ao Expresso, o jornal onde trabalho há três décadas, em regime rotativo a partir de 1 de junho. Não aconteceu porque fracturei o braço direito no final da tarde de sexta-feira, 29 de Maio. Uma amiga que vive em Macau ligou-me e disse: ‘Não pares com o diário, dita que eu passo a escrito’. E assim foi durante uns tempos.

Nessa minha fase de duplo confinamento, o diário deu-me sentido aos dias cada vez mais iguais, mostrando-me que afinal eram todos diferentes. O

lado mais compensador foi ter encontrado duas dezenas de leitores regulares com quem nunca me cruzei.

Foi assim, sem esperar, que cheguei ao dia 170. Creio que este Diário encontra o seu próprio caminho no 11º dia e não sei se o irei terminar no dia em que fizer seis meses, quando regressar ao trabalho fora de casa, ou quando nos livrarmos da pandemia.

Lisboa, 4 de setembro de 2020

Manuela Goucha Soares

[#MundodePantanasgoucha](#)

mgoucha@gmail.com

[#EstadodeEmergênciadia1](#) e dia 4 do teletrabalho: as redes de vizinhos estão a funcionar o que mostra que a maior parte das pessoas são maravilhosas. Acresce que trabalhar em casa cansa e tenho muitas saudades de beber um abatanado no café 😊:) FIQUEM BEM E CUIDEM-SE [#MundoDePantanasgoucha](#) (19 Março quinta-feira)

[#EstadodeEmergênciadia2](#) Não acordei com os aviões. A Primavera começou cinzenta e a obra ao lado continua, gruas em laboração. É o dia 5 de Teletrabalho.

[#MundoDePantanasgoucha](#)

[#EstadodeEmergênciadia3](#) Estou a ouvir na TSF um colega dos tempos da faculdade falar do 'Poesia à Mesa' porque hoje é o Dia Mundial da Poesia. É o primeiro sábado com o nosso mundo virado do avesso mas ainda não assimilei bem que isto pode ser longuíssimo. Enquanto vivemos isto, há pessoas que vão continuar doentes de outras coisas e outras que terão outras patologias. Só que com o MEDO que todos sentimos da proximidade, a primeira reação que temos é evitar hospitais. Alma até algures, havemos de chegar

[#MundoDePantanasgoucha](#)

[#EstadodeEmergênciadia4](#) É domingo mas não foi domingo como os outros domingos. Não tinha pensado trabalhar mas acordei com uma mensagem no telemóvel sobre a ansiedade que está a ser vivida por um grupo de portugueses que trabalha em Angola e está a tentar regressar. Li notícias sobre a polícia a tentar dissuadir automobilistas de andarem na estrada Marginal e o autarca da Póvoa do Varzim estar desesperado porque a beira-mar encheu de gente que devia estar em casa para travar a progressão da pandemia. É domingo e foi o primeiro domingo do Estado de Emergência, aliás o dia em que ele entrou de facto em vigor (depois de ter sido decretado pelo PR na quarta dia 18)

[#MundoDePantanasgoucha](#)

[#EstadodeEmergênciadia5](#), 2ª semana de teletrabalho: os colegas com quem falo, ao telefone entenda-se, dizem que estamos todos a trabalhar mais do que dantes. Ninguém gosta muito de estar em casa mas é o local de segurança nos tempos que correm. De resto, os mais velhos continuam a ter sinais de maleitas várias, que nada têm a ver com a pandemia, o que causa um enorme stress porque o hospital é o último sítio onde alguém quer ir agora. Ah, a única coisa que prossegue igual ao que era dantes é o barulho da gigantesca obra ao lado. Nunca pensei que o iria achar um sinal de normalidade no meu quotidiano (23 março)

[#MundoDePantanasgoucha](#)

[#EstadodeEmergênciadia6](#), 2ª semana de teletrabalho: pela primeira vez na vida entendi a verdadeira dimensão da frase 'ter medo da própria sombra', que até aqui achava um provérbio de tendências um pouco esotéricas. Ontem falei ao telefone para casa de uma amiga e o marido dela, da geração abaixo da minha, estava absolutamente aterrorizado. Têm um filho que é um jovem fantástico, músico de jazz, diabético desde criança, estando assim num grupo de risco. O Ricardo disse-me 'amanhã, vou enfrentar a batalha de atravessar a rua para ir à farmácia'. Para além deste casal, uma outra amiga tem um filho com fragilidades de saúde que é bem mais novo do que este. No fundo andamos todos assustados, e todos temos pessoas queridas que de uma forma ou de outra têm riscos

agravados

[#MundoDePantanasgoucha](#)

[#EstadodeEmergênciadia7](#) Temos escrito sobre casos de repatriamento e através dos casos vêm casos. O nosso email, acessível aos leitores, enche-se de relatos de amigos ou familiares de pessoas em grande stress para voltar. Há de tudo: trabalhadores de grandes empresas que em teoria estão mais protegidos, grupos grandes de emigrantes ou expatriados nos Palops, turistas e trabalhadores que estão quase sozinhos em países onde não querem ficar. E há outros. Ao acordar tinha uma mensagem da Índia de uma turista que fora contactada enquanto cá dormíamos. Acho que ninguém vai ter vontade de viajar tão cedo...quando isto passar. Além disso, trabalhar e viver no mesmo sítio é esquisito. Consume.

[#MundoDePantanasgoucha](#)

[#EstadodeEmergênciadia8](#) O telefone liga-me a esta esquisita rotina da pandemia e diz-me coisas. Do outro lado da linha ouço os que querem acreditar que a crise económica é pior do que o vírus, os que acham que a salvação está em medicamentos que fazem milagres, os que confiam na investigação e os que creem. Todos eles acreditam com uma espécie de fé que está muito para além da religião. Este 24º dia de boletins da DGS foi esquisito. Igual ao que era dantes só o facto de eu nunca ser capaz de saltar legumes como deve ser

[#MundoDePantanasgoucha](#)

[#EstadodeEmergênciadia9](#) A obra aqui ao lado continua e o batuque também. Os números pioram e fazem um barulho ensurdecador, daqueles que rebenta os ouvidos e as emoções. Olhamos para Itália e a Espanha, para uma Europa que julgávamos mais civilizada e solidária, e nada. Uma barreira gélida papagueada por tecnocratas empedernidos e cripto-fascistas. Tempos perigosos estes em que se referenciam mortos e assistimos ao ruir dos lares de idosos que tantos viam como um local de cuidados e segurança

[#MundoDePantanasgoucha](#)

[#EstadodeEmergênciadia10](#) Hoje muda a hora. Seria o grande tema de conversa do dia num mundo normal com bitaites dos que acham bem e dos que acham mal. Mas não vai ser: o nosso quotidiano virou do avesso, está de pantanas. Os meus colegas Ricardo Marques e Rui Duarte Silva fizeram uma reportagem fantástica no Hospital de São João que mostra a bravura e a abnegação de médicos, enfermeiros e todo o pessoal de saúde. Está no Expresso deste sábado, em que a obra ao lado continua, com menos gente e menos batuque . Ontem fiz cenouras. Uma invencionice que saiu melhor do que legumes salteados

[#MundoDePantanasgoucha](#)

[#EstadodeEmergênciadia11](#) Limpa e volta a limpar para logo a seguir limpar o que já foi limpo. Tira sapatos, calça sapatos, desinfeta mãos, depois de ir à rua fazer coisas básicas que antigamente eram simples. A vida era fácil, ou pelo menos solta. Não precisávamos de ter cuidado com cada gesto como se as nossas mãos fossem granadas sem cavilha. Acertei o relógio porque a hora mudou, como sempre acontece no último domingo de março. A obra ao lado parou por ser domingo. Uma amiga fez anos ontem e quando liguei para dar os parabéns, o marido disse-me que já estava na cama. A mãe deixou-lhe um ramo de flores à porta e um bolo. Maldita pandemia que mina os afetos qual vulcão espia. Estou cansada e ainda a procissão vai no adro

[#MundoDePantanasgoucha](#)

[#EstadodeEmergênciadia12](#) [**SEGUNDA-FEIRA, 30 MARÇO**] Está a sentir-se mal! Foi isto que me passou pela cabeça quando vi dois operários debruçados sobre o chão, entre o betão da obra em frente. Fixo o olhar tentando adivinhar o que estava a acontecer com aqueles dois resistentes. São africanos, quase todos. Um levanta-se, dobra um pano verde, dá um passo e calça-se. Quase de certeza que estavam a rezar. Reparo nestes gestos quotidianos em que nunca tinha atentado. O tempo cinzento permite-me observar melhor o que se passa entre os pilares do prédio que cresce em frente. Entrei na 3ª semana de teletrabalho e o meu olhar quotidiano reparte-se entre o ecrã do computador e eles. É dura a vida desta gente que trabalha como se não tivesse medo do vírus

[#MundoDePantanasgoucha](#)

[#EstadodeEmergênciadia13](#) Uma pessoa que sei quem é, cuja cara e história conheço mesmo que só tenhamos trocado cumprimentos de circunstância, está positiva. Foi a primeira mais próxima, porque é muito próxima de alguém com quem convivo muito a ter teste confirmado. Já tinha havido um outro caso próximo, em que o médico teve fortes suspeitas, mas a Linha nunca mandou fazer teste. O caso de hoje está bem e em casa, em isolamento. É uma pessoa nova, com uma profissão de alto risco numa fase maluca como esta. O bicho passou a ter cara. Até aqui era a atenção constante com a família e os amigos em Madrid, Brescia, Florença, Roma... Lisboa, Beira Alta, pelo mundo. O bicho dá a volta ao juízo, há uma semana passei-me para lá das marcas com uma amiga que estava num enorme stress... eu também estava, mal refeita de um susto de um problema de saúde na família de outra natureza. Cada um na sua bolha, a gerir o medo como pode. A obra continua. Descarregaram material

[#MundoDePantanasgoucha](#)

[#EstadodeEmergênciadia14](#) Quarta-feira, 1 de abril, devia ser dia das mentiras em tempo normal. Uma amiga que consegue ser mais contestatária do que eu, diz ao telefone que não há 'isolamento social nenhum, o que há é isolamento físico, que as pessoas podem falar de muitas maneiras'. Cada um acha o que quer desta chatice. Até ouço na rádio uns quantos apreciadores de regimes musculados todos contentes com este estado de acantonamento confinado. Os autocratas existem mesmo quando andam submersos e camuflados. É bom não esquecer como isto começou, que controlada a pandemia a China vai precisar de uma espécie de Asae muito eficaz, apesar do nosso mundo ir mudar, mas mudar. Choveu, já está sol, dei os parabéns aos amigos que fazem anos, tudo um bocado desanimado, e a obra continua

[#MundoDePantanasgoucha](#)

[#EstadodeEmergênciadia15](#) Fiquei desconcertada com algumas declarações de Ramalho Eanes na entrevista que deu à RTP 1. Aprendi a apreciar o General quando escrevi e organizei a sua fotobiografia há mais

de uma década. Foi assim como a água tônica. Conversámos várias vezes, mas a primeira conversa foi arrancada a ferros. Depois fluiu. Aprendi a apreciá-lo e fiquei a apreciar o senador da nação. Ontem fiquei desconcertada. Vi o velho militar a falar, o homem pronto para o combate e a morrer pela pátria. Mas não concordo com o que disse porque pode abrir portas a gente menos bem intencionada. Ontem mesmo, a imprensa espanhola dava conta de uma espécie de manual produzido pela ministra da Saúde do governo da Catalunha para o pessoal da emergência médica. O dito papel diz basicamente que não havendo camas para todos é melhor explicar às famílias dos doentes mais idosos que morrem melhor em casa. Escolhe-se... mas em Itália houve um idoso de 101 anos que recuperou. Escolhe-se ... e as escolhas são perigosas. Lembro-me de Bertolt Brecht; primeiro os comunistas, depois os homossexuais. Escolher é perigoso. Irrita-me a catalogação da informação que diz que 90 e tal % dos mortos tem mais de 70. O aumento da esperança média de vida é uma conquista da civilização e da democracia. Escolher é perigoso. Há muita gente com uma vida normal que pode ter menos hipóteses de acordo com os critérios técnicos. E há gente nova, de todas as idades. O General deixou-me desconcertada. Ele é militar Mas esta pandemia ataca todos

[#MundoDePantanasgoucha](#)

[#EstadodeEmergênciadia16](#) Farta de acantonamento confinado. Ao telefone uma das comadres diz que mal vai para a praia de Carcavelos em agosto, metáfora das saudades de rua. Mas isto está para durar. É melhor fazer um risco no calendário de 2020. Ontem saí ao fim do dia. Fui levar coisas necessárias a casa de um familiar. Desci e subi a Av. Liberdade de carro. À noite é tudo mais nítido, a cidade fantasma é pior que um pesadelo de ficção científica. Passei por mais de uma dúzia de hotéis. Todos fechados, sem uma luz, um sinal de vida. Nada. Só escuridão e mais nada. Uma cidade sem hotéis hiberna congelada. Em casa a gente trabalha, escreve, lava, esfrega e limpa. As tarefas multiplicam-se. Os dias não são normais exceto a obra que continua. Passou a ler o fio que me diz que um dia talvez tudo volte a ser vagamente parecido com o que era antes. Antes do vírus, antes do medo, do estado de emergência às pinguinhas, do tempo congelado

[#MundoDePantanasgoucha](#)

[#EstadodeEmergênciadia17](#) Hoje deu-me para imaginar os preparos em que a malta anda vestida no confinamento. Depois de umas risadas ao telefone lembrei-me do meu tio Jorge e do seu humor mordaz. Se não tivesse morrido estúpida e precocemente deveria ter umas boas tiradas sobre as indumentárias imaginadas da malta em fatinho de ir ao ginásio. Mande uma mensagem à Paola que está no meio do ciclone, soube ontem da Filipa que está no olho e não no meio, e em Madrid estão todos fechadinhos e bem. Isto de comunicar com amigos e família que estão longe e em locais pandémicos, deixou de ser fancy para ser um motivo de acalmia. É sábado, o sol escondeu-se, o EXPRESSO divulga um estudo que prova que o fecho em casa está a poupar vidas, e andam uns tipos nas obras provando que a normalidade continua

[#MundoDePantanasgoucha](#)

[#EstadodeEmergênciadia18](#) Pode ser que a chuva lave as ruas. Chove a cântaros neste momento. Chegou-me mais um relato de quem veio de longe. Desembarcou no avião em Lisboa e foi por aí adiante como se nada fosse. Ninguém lhe perguntou de onde vinha ou para onde ia. Ninguém lhe recomendou que deveria ficar em quarentena. Isto de deixar passar em modo via verde, sem perceber de onde vêm, sem recomendações não cabe na cabeça de ninguém. Confiar no bom senso de todos não chega nestes tempos. Não há batuque da obra. É domingo. Dei os parabéns a uma colega e aqui vai mais um beijinho. Vais ver que para o ano é melhor, Liliana. Festejas a dobrar

[#MundoDePantanasgoucha](#)

[#EstadodeEmergênciadia19](#) Se hoje fosse mesmo hoje teríamos uma grande festa de família. Ainda há um mês eu argumentava que segunda-feira era dia de trabalho, outro dizia que Lisboa ou noutra sítio, que isto, que aquilo, e agora nada. A minha fantabulástica Tia faz 80 anos e a malta está confinada. Por um acaso que foi sorte os dois sobrinhos do meio deram-lhe a prenda antes. E a Zé aproveitou aquela viagem como se soubesse que esta coisa podia chegar. Para o ano celebramos. Se te oferecermos pulverizadores de pompom cheios de álcool ou frasquinhos

de lixívia vintage é porque pirámos todos. Se lewares écharpes, batons e livros é bom sinal. A viagem foi antes e ainda bem. Parabéns querida Zé [#MundoDePantanasgoucha](#)

[#EstadodeEmergênciadia20](#) Fecho os olhos e vejo a praia para onde vou há muitas décadas. Era sempre esta imagem que recuperava nas fases chatas e turbulentas. A imagem que me dá alento e força. Mas neste confinamento vem-me a casa (de parte) das férias da minha infância. O imenso quintal e a casa grande da minha bisavó, que já conheci nas mãos das minhas tias-avós. Penso nessa casa todos os dias. Nos belos tempos que ali passei. Estive anos sem ir lá, voltei em junho de 2017. Foi maravilhoso ouvir as tábuas do corredor ranger quando passei, pé ante pé, a horas em que os outros já dormiam. Sentir os mesmos cheiros na horta e no jardim, apesar do grande tanque estar vazio e dos buxos quase terem desaparecido por inteiro. À minha espera estavam as cerejeiras, as figueiras tortas e as hortênsias exuberantes e selvagens que continuavam a empurrar couves e alfaces. E a bomba de água cheia de teias de aranha porque deixou de ser usada. Voltar a um sítio de memórias felizes, quase intacto e intocável como nos lugares mais secretos da memória onde regresso, sempre que preciso de força para continuar, é um raro privilégio [#MundoDePantanasgoucha](#)

[#EstadodeEmergênciadia21](#) Tenho um termómetro e tenho um barómetro. O termómetro saiu da gaveta porque ganhei o tique de medir a temperatura e o barómetro, intuitivo e olfativo, faz métricas das minhas conversas com os outros. Ao fim de 20 de dias só ouvi três pessoas dizerem que estão contentes e felizes com o teletrabalho, que ainda não estão fartas das voltas e voltinhas domésticas, e que acham uma maravilha saltar do sítio do pequeno-almoço para o posto de teletrabalho. São as minhas aves-raras, tudo gente de quem gosto mas cujos gostos não entendo. Até uma amiga que andou anos a lutar pelo direito ao teletrabalho durante duas semanas do mês, me disse ontem que estava farta. Claro que o estar farta ou farto não significa ter vontade de sair de casa a correr para enfrentar a sombra viral que aí anda. Significa apenas

que este está a ser um período duro para quase todos, e que temos saudades da vida que tínhamos, incluindo as coisas que não gostávamos. É esta a sondagem do meu barómetro intuitivo e olfativo

[#MundoDePantanasgoucha](#)

[#EstadodeEmergênciadia22](#) Hoje não houve obra. Os operários não trabalharam. Não sei se é por ser proibido circular entre concelhos nestes dias, mas ninguém veio. Pelo menos este ano não teremos o quase constante pesadelo de mortos e feridos em acidentes de viação que acontecem nas alturas festivas e de mini-férias. Vai ser tudo igual, ficar em casa, lavar as mãos. Chove. Parece que o céu coopera e não manda sol para nos tentar. É Páscoa mas não é. Hoje não houve obra. Silêncio total. Ninguém canta nas janelas das redondezas

[#MundoDePantanasgoucha](#)

[#EstadodeEmergênciadia23](#) Fiz chá de tangerina. Olhei para as cascas e pensei se o limão serve estas também servem. Dei por mim a recuar à infância. Nunca vi aproveitar as cascas de tangerina mas não se desperdiçava comida. Ninguém deitava comida fora, e isto inclui aqueles que não precisavam de cortar em tudo. Esse mundo acabou na década de 90 com a abertura massiva de hipermercados e a chegada de uma infinidade de produtos até aí exóticos ao mercado alimentar. Esta crise obriga a mudar de hábitos. A maior parte das pessoas deve estar a 'governar-se' com o que tem em casa. Faz hoje quatro semanas que saí para trabalhar pela última vez. Quatro semanas a trabalhar de casa

[#MundoDePantanasgoucha](#)

[#EstadodeEmergênciadia24](#) As redes de vizinhança auto-organizaram-se e esse lado bom desta crise; há inúmeras respostas positivas da sociedade

civil para ajudar. O resto é tudo mau. A pandemia mostrou o lado mais negro de estruturas que pareciam funcionar ou pelo menos assim queríamos acreditar. Penso nos lares de idosos, residências sêniores, chamem-lhes o que quiserem. Cá, foram quase aviários do coronavírus. Os relatos feitos pela imprensa espanhola são tenebrosos: lares, residências e centros sanitários que se fecham sobre si próprios, não atendem telefones e deixam os familiares num desespero porque recusam a dar informações sobre o estado de saúde dos seus. Quando o telefone toca via de regra é para dizer que morreram. Claro que há exceções. Poucas. Sítios mais pequenos em que quem os dirigia percebeu a tempo que vinha aí qualquer coisa grave. Este é um dos lados mais terríveis do momento que estamos a viver. Este, e os funerais do abandono

[#MundoDePantanasgoucha](#)

[#EstadodeEmergênciadia25](#) Domingo de Páscoa com menos amêndoas. O bom tempo não ajuda o Estado de Emergência. Ontem fui às mercearias alimentares, o dia estava lindo e andava mais gente na rua do que era suposto. Falo de gente que aproveitava o sol para se mexer, estava longe de ser uma multidão, mas eram mais do que seria prudente. O sol desafia, a malta está farta, e a coisa está para continuar. Ouço os passarinhos, não haver batuque da obra permite coisas boas. Os miúdos vão continuar com aulas virtuais, e o professor José Tribolet exulta comparando os efeitos de um confinamento forçado a um segundo 25 de Abril, e a Ana Cristina Silva que estudou a aprendizagem da linguagem na sua tese de doutoramento lembra que há uma componente emocional na aprendizagem, que não passa com Zoom e ecrãs

[#MundoDePantanasgoucha](#)

[#EstadodeEmergênciadia26](#) Baila na minha cabeça uma frase da ministra dita há mais de 24 horas. Não sabemos se “alguma vez vai ser como antes” disse Marta Temido na conferência de imprensa de domingo de Páscoa. Andava a sentir isto, a intuir que a nossa maneira de viver tinha sido roubada por muito tempo. Roubada por uma ameaça invisível que nos faz ter medo de nós, dos nossos gestos, da nossa roupa, dos nossos óculos. E dos outros, dos objetos, das compras, de tudo. Tenho saudades da minha vida. De ir ao ginásio, à piscina, ao café, ao supermercado (que sempre detestei) despreocupadamente sem ficar com a mania de desinfetar tudo. Tenho saudades de entrar em sítios cheios de gente, apesar de não gostar de sítios tipo sardinha em lata. Do cinema, do teatro, das risadas com

amigos ao vivo – sem ser por telefone ou vídeo chamadas. Tenho saudades de sair de casa para ir trabalhar, meter gasolina no depósito apesar de fazer sempre asneiras nas bombas automáticas. Tenho saudades da despreocupação, de fazer planos para férias. De não ter medo do medo. Tenho saudades de uma vida que pode demorar muito a voltar. Se é que vai voltar. Ontem chorei. De comoção e de emoção. Desabei a ouvir o Andrea Bocelli na Catedral de Milão. Liguei-me a Itália as pessoas que estão lá, na terra delas quase todas: a [Paola](#) em quem não há dia que não pense desde que isto começou. Uns amigos em Roma, a minha priminha [Filipa](#) que escolheu o país mais maravilhoso da Europa para viver. Chorei porque aquele estranho concerto rebentou o dique das minhas emoções. De vez em quando pode ser. Mas muito de vez em quando. O tempo é de aguentar e manter a cabeça entre as orelhas [#MundoDePantanasgoucha](#)

[#EstadodeEmergênciadia27](#) Fui à rua e constatei que andam várias pessoas de máscara no queixo. De facto, é mesmo o sítio onde a máscara faz falta como se fossem cair os queixos com tanto espanto pelo confinamento. A malta põe a máscara e puxa-a para baixo. Ou porque faz calor, ou porque acha que aquilo lhe entope o som das conversas ao telemóvel, ou outra coisa qualquer. Eu não sou máscara, nem médica, nem enfermeira, mas máscara no queixo não dá com nada. Nem as dores de dentes tira. Há coisas em que é melhor não ser criativo e esta é uma delas. A outra já devia ter aprendido e não aprendi: a desinfeção das compras do supermercado [#MundoDePantanasgoucha](#)

[#EstadodeEmergênciadia28](#) Foi preciso vir a pandemia para entender a minha Avó. Em garota achava esquisita a preocupação dela com a preparação dos alimentos, as limpezas, os cuidados. Aquilo ia além da conta, mesmo numa família em que de um lado e de outro muita gente tem a mania das limpezas. Mas este repetido lavar de mãos, os alertas da DGS, transportaram a minha Avó para o cenário da Pneumónica, a maior pandemia de todos os tempos, que matou mais gente do que a I Guerra Mundial. Nunca tinha pensado nisso, até viver este confinamento

pandémico. A Avó Goucha, que era uma mulher muito arejada para o tempo, deveria ter 25 anos, mais coisa menos coisa. Os dois filhos mais velhos já tinham nascido quando a gripe espanhola assolou o país matando mais de 60 mil pessoas. Tudo muito pior do que quase todos estamos a viver. Portugal andava há anos em crise económica e escassez alimentar. A I Guerra foi uma das grandes responsáveis por isso, a turbulência fez o resto. Faltava de tudo, os recursos médicos eram infinitamente mais pequeno, apesar das medidas tomadas pelo médico Ricardo Jorge serem mais do que certas. A Avó deve ter sentido medo, temor, receio e uma responsabilidade constante de zelar pelos seus, limpando, lavando, desinfetando para afastar o mal da Pneumónica. O peso deve ter sido imenso. Os tempos eram outros, e as pessoas ficavam adultas mais cedo. Mas ela tinha 25 anos... Havia sabão em força, mas tudo era feito à mão, o que tornava as tarefas domésticas numa verdadeira labuta. Deve ter sido esta experiência que lhe deixou aquela preocupação com as limpezas e preparação dos alimentos que conheci cinco décadas mais tarde

[#MundoDePantanasgoucha](#)

[#EstadodeEmergênciadia29](#) Mundo de pantanas, dia de pantanas ou pelo menos buliçoso. Em casa o tempo rende menos. Não dá para nada, as tarefas atropelam-se. Toda a gente com quem falo se queixa do mesmo. Andamos sempre atrasados e nem podemos dizer que foi o trânsito. O coronavírus está a fazer uma razia na área da Cultura. Hoje foi o Luís Sepúlveda, uma espécie de morto nacional porque os seus livros são de todos nós, e porque adoeceu mal saiu de Portugal. E também foi o Lee Konitz, saxofonista fabuloso. E já tinha sido o Adam Schlesinger, o Andrew Jack, o Daniel Azulay, e tantos outros que o inventário não acaba e vai aumentar. As doenças respiratórias são perversamente democráticas, manhosas e traiçoeiras. Apanham qualquer um, contaminam a torto e a direito, ricos, pobres, velhos, novos, vai tudo a eito. Foi assim com a tuberculose, com a Pneumónica e a Asiática e está a ser assim com esta pandemia. Os outros, os que viveram as outras, também devem ter tido medo. Mesmo com menos notícias e menos atualizações dos mortos do mundo em direto

[#MundoDePantanasgoucha](#)

[#EstadodeEmergênciadia30](#) Estou de queixo-caído. Ainda agora a ministra da Presidência disse em conferência de imprensa que as medidas de confinamento estão em vigor até 2 de maio e, por esta razão, não há viagens para ninguém apesar do feriado do 1º de Maio ser numa sexta-feira. As pessoas têm de ficar em casa, e tem mesmo de ser assim, para não dar um pontapé nestas muitas semanas de fecho em casa. Por isso, e com todo o respeito, que é MUITO, que tenho pelas datas do 25 de Abril e do 1ª de Maio, não consigo entender por que razão vão meter 130 pessoas na Assembleia da República para celebrar o 25 de Abril, e a CGTP quer fazer ações de rua no 1º de Maio. Tempos de exceção são para toda a gente. Se ninguém pode ir à terra passar a Páscoa com a família não há razão nenhuma para estas duas formas de assinalar as datas históricas. O sempre foi assim não é argumento porque o momento que estamos a viver não tem nada a ver com o que sempre foi. Está a acabar a quinta semana de teletrabalho. Só houve quatro dias de batuque porque até a obra parou na segunda-feira respeitando o impedimento de circular entre concelhos

[#MundoDePantanasgoucha](#)

[#EstadodeEmergênciadia31](#) Estou a regressar à minha normalidade. Já só me apetece comer chocolate. Quase que nem pensei nisso neste período. Devia ter qualquer coisa a ver com o alerta. Estes sábados de estado de emergência são esquisitos. Só espero que com tanta mensagem cruzada como se nada fosse não desate a andar toda a gente à solta como se nada fosse. Hoje é dia 18, lembro-me sempre deste dia, um abraço [Sofia](#)

[#MundoDePantanasgoucha](#)

[#EstadodeEmergênciadia32](#) Quase que não escrevia hoje. Domingo, dia de lenga-lengas, como o sino é de ouro mata o touro... Dia de sentir que a pandemia mudou a ordem das irritações. Há dois meses ter-me-ia irritado, mais do que irritado, passado, com o mais um estrago causado pela gigantesca obra ao lado. Um estrago que estava camuflado. Um estrago que estes dias de muita chuva (da semana que findou) puseram a descoberto, a parede do quarto completamente molhada e cheia de pintas pretas de humidade. Cabeça fora da janela para dar de caras com uma racha grande no prédio. A desatenção com que tratam o meu prédio passa tudo. Moradora do último andar tenho sido a vítima preferencial de

todas as tropelias, desde que uma espécie de mini retro-escavadora me partiu a parede daquele quarto e me pregou o susto da minha vida. Os dois meses seguintes foram muito difíceis. Depois pensei, isto vai dar mais chatices, a procissão da obra vai no adro, quando for para arranjar tem de ser tudo de uma vez. Parece que adivinhava. O meu caso não é meu, é o de centenas de pessoas que em Lisboa e no Porto viram a vida de pantanas por causa da fúria especulativa nos prédios contíguos ou no próprio prédio. Vi sair dali um senhor de 89 anos que lá morava há 57 Para o prédio ir abaixo e fazer uma coisa de alegado luxo. Arejei o quarto, fechei a janela e fechei a porta. Tomei essa decisão há uns meses, areja-se 3 vezes por semana, limpa-se, e fecha-se. O acerto de responsabilidades está em marcha e se não der de uma maneira dá de outra. A pandemia alterou as prioridades. Apesar disto ser uma chatice e uma violência. Não pedi aquela gente para destruir e maltratar as paredes do prédio. Ninguém pediu

[#EstadodeEmergênciadia33](#) A idade de Cristo, o gargarejo no médico, tratar de burocracias por causa das manchas de água causadas pela obra ao lado, mais um dano depois do buraco na parede, fazer notícias, gravar Podcast com o resto da equipa. Ao telefone, voz em eco, os 100 dias do vírus que já fazia doentes antes da Covid-19 se chamar Covid-19. 100 dias do primeiro doente oficialmente reportado como doente deste coronavírus que saltou sabe-se lá de que bicho para um humano em Whuan. Se é que foi em Whuan como até agora consta. Mas foi em Whuan porque em tempos de crise temos de ter certezas e inícios. Não voltarei a escrever no meu #MundoDePantanasgoucha o nome da doença causada por este coronavírus. Porque o acho estúpido. Um nome que não diz nada embora em português seja parecido com cova, de mortos que nem para a cova vão porque são cremados. Um nome tipo sigla por causa das manias do politicamente correto num mundo que virou de ordem, de prioridades. O que vem a seguir vai ser diferente. Virão coisas melhores, coisas muito piores, coisas seguramente diferentes. As pessoas ainda pensam nos riscos e falam deles como se passada a crise fosse possível fazer marcha atrás e pôr a vida em movimento a partir do sítio onde a estacionámos antes do nos confinarmos. Não vai ser assim. Não quero pensar como vai ser. Vai ser como acontecer. E vai seguir o curso de outros dias e outras noites

[#MundoDePantanasgoucha](#)

[#EstadodeEmergênciadia34](#) A União Europeia não é uma família. Mas é um condomínio, vivemos todos juntos como num prédio, cada um na sua toca. Podemos gostar mais de uns vizinhos do que de outros, evitar partilhar o elevador com alguns, mas às vezes a finta vai-se e lá temos de subir ou descer com eles. Vivemos todos debaixo do mesmo telhado por mais bizantinos que achemos os hábitos deles e eles os nossos. Cada um por si, todos por todos. É assim, tem de ser assim. Este condomínio foi feito para garantir a paz e assegurar um mercado comum que hoje é mais necessário do que nunca. Um mercado paritário em que os países do Norte não asfixiem os do Sul, nem olhem para os efeitos da pandemia como sinal de mau comportamento desta gente que quer beber cervejas e apanhar sol. O vírus toca a todos, e a crise também toca todos mesmo que os níveis de intensidade sejam diferentes. Afinal no prédio também há vizinhos que vivem com mais folga financeira do que outros, e sentem os males da obra ao lado com menos violência do que eu. Não deixam de ser vizinhos. Ah, querido MundoDePantanas, já me esquecia de te dizer: não assinei nenhuma das petições, nem pelo sim ao que sempre foi nem pelo não. Era só o que mais faltava. A única coisa importante é 25 de Abril sempre que também é dia da libertação de Itália e feriado naquele vizinho que está a viver uma grande tormenta

[#MundoDePantanasgoucha](#)

[#EstadodeEmergênciadia35](#) Ainda bem que não há moscas aqui. Abri a boca ontem e aberta continua com os tiques caciqueiros que o Estado de Emergência faz vir à tona em certas criaturas que, qual ex-madamas da Mocidade Portuguesa ou marchadores da Legião, ensaiam malcriados recados (dirigidos a mim e vários outros) sobre o que poderíamos reclamar e não reclamar. Confusão total das noções e funções mais elementares. E má criação disfarçada de lustro polido. Tiques caciqueiros em quem nasceu depois do 25 de Abril como se os genes de algum bufo ali tivessem reencarnado. Projeto de gente a quem a DGS, aquela que trata do Sistema Nacional de Saúde e não a outra de sinistra memória, devia dar um workshop privado explicando que este estado de emergência é pandémico e não de regime. A obra continua e a trepidação também. O guindaste sobe tijolos e mais materiais cujo nome desconheço,

num sobe e desce que compete com o elevador da Glória no tempo em que não estávamos confinados em casa

[#MundoDePantanasgoucha](#)

[#EstadodeEmergênciadia36](#) Só me apetece dar sapatadas a mim própria. Nunca pensei que as minhas mãozinhas gostassem tanto da minha cara. Foi preciso vir este vírus para dar conta disso. O vírus e os avisos constantes, fique em casa não mexa na cara. A pandemia mudou-me. Não me marcou (espero que não vá marcar) mas este período de confinamento mudou a minha maneira de olhar o mundo. O estar longe não é a mesma coisa que estar nos sítios, por muito que os defensores da vida virtual digam que isto é o futuro. Adeus prioridades, ou melhor as prioridades são cada vez mais o que é verdadeiramente importante

[#MundoDePantanasgoucha](#)

[#EstadodeEmergênciadia37](#) Os amigos médicos. Daqueles que conheço na vida inteira e só vejo no verão. Uma longa conversa ao telefone. Os dois médicos, ela a dizer que vai tentar ver a mãe pela janela no Dia da Mãe. A senhora está num lar onde houve pessoas que testaram positivo. Apesar disso grande parte dos idosos/séniore/velhos que lá estão testaram negativo e aguentaram-se bem. Boas notícias numa fase em que a pandemia mostrou as frágeis fundações destas instituições em que confiávamos. Em Espanha ainda foi pior que cá. Os relatos sobre o que lá se passou nas residências de idosos são tenebrosos. Partidas difíceis, sem direitos a despedidas nem rituais mínimos que a nossa cultura exige. Abalos que mexem com emoções e deixam marcas que o tempo não apagará. Nem mesmo o repetido, vezes sem conta, Vai Ficar Tudo Bem. Vai ficar diferente. O 25 de Abril vai ser diferente. Diferente de todos os que já aconteceram nos últimos 46 anos. Só as janelas e as varandas se encherão de Liberdade e cantarão a Grândola Vila Morena. Com colchas, bandeiras ou panos encarnados. E cravos que desabrocham na nossa imaginação

[#MundoDePantanasgoucha](#)

[#EstadodeEmergênciadia38](#) [25 ABRIL] Não há cravos nos emojis porque a linguagem é importante. Os emojis são emojis, não substituem palavras,

flores, voz, emoções. Não há cravos nos emojis porque não foram pensados para celebrar revoluções ou liberdade. Foi um dia estranho este 46º aniversário do 25 de Abril. Não gostei! Cumpri a minha parte, fui à janela com um áudio da Grândola cantada pelo Zeca. Ninguém merece ter de me ouvir cantar. Mesmo que seja ao longe. A Teresa telefonou para dizer que neste dia se lembra sempre do meu pai e do pai dela. Do quanto eles vibraram com o 25 de Abril. A Teresa é a filha da Mãe Teresa, que por sinal se chamava Maria Amélia, mas que foi a minha Mãe Teresa. A minha e a de outros que adotaram o nome com que a batizei muito pequena. Era a vizinha do lado dos meus pais, família do coração, uma das pessoas mais importantes da minha vida. Foi ela que nos bateu à porta naquela quinta-feira de chuva a dizer 'os meninos hoje não vão à escola. Há uma revolução'. Os meus pais não estavam. Tinham ido a Espanha porque a minha mãe queria ouvir uma segunda opinião médica. Deviam voltar uns dias depois, apareceram naquela noite tarde e a más horas, eufóricos com as novidades. Vesti uma coisa vermelha nesse dia e repeti esse ritual nos últimos 45 anos. Hoje não vesti nada vermelho. Foi um 25 de Abril estranho. Faltou-me a rua

[#MundoDePantanasgoucha](#)

[#EstadodeEmergênciadia39](#) O velho que sobe a Avenida da Liberdade com a bandeira às costas. O velho que carrega o peso do país às costas, fotografado pelo José Goulão. Esta foto do homem vai ficar na história. O homem com a enorme bandeira às costas é a verdadeira imagem deste 25 de Abril pandémico, confinado. A imagem que salvou a tristeza deste 46º aniversário em casa. O discurso do Presidente apaziguou a tensão. E o bom senso dos muitos convidados que recusaram ir permitiu que a cerimónia na Assembleia tivesse, de facto, pouca gente. Nada a ver com os primeiros anúncios, com aquela confusão de informações que quase dividiram o país ao meio. Não foi bem ao meio porque com as primeiras informações havia mais gente contra, e alguns capitães de Abril a dizer que não iriam. Até A Manuela Eanes que acompanha sempre o marido nestas comemorações ficou em casa. Hoje escrevo mais cedo porque ando a pensar no dia de ontem. O Marcello enviou-me de Roma uma mensagem com duas bandeiras, a portuguesa e a italiana, porque eles também celebram a liberdade e a libertação no feriado do 25 de Abril. A Eunice um pdf da edição do Diário Popular de 25 de abril de 1974. Reencaminhei este 'cheirinho a alecrim' para o Octávio no Rio de Janeiro. Na primeira página um apelo ao comércio para manter as portas fechadas.

Caso contrário seria “imposto o recolher obrigatório”. Não foi [#MundoDePantanasgoucha](#)

[#EstadodeEmergênciadia40](#) Cada país conta os números como lhe dá na bolha. Mais, o método de contagem já mudou a meio. Nos países democráticos os órgãos de comunicação questionam os números. Já aconteceu cá, em Espanha, Europa fora. Há muita morte por explicar. O “Financial Times” fez um balanço do que se passou em 14 países europeus e há 45 mil mortes por explicar se se compararem com o número de mortes neste período. Ou seja morreram mais 122 mil pessoas neste período do que seria expectável analisando séries estatísticas de vários anos. Como os números oficiais só contabilizam 77 mil mortos por coronavírus (eu digo o nome da doença porque acho estúpido o nome ter o número do ano passado, já aqui tinha escrito), havendo 45 mil por explicar. Extrapolando para o resto do mundo, terão morrido 318 mil e não os 207 mil das contas reportadas. Se isto é válido para mortos, também é válido para infeções. Cada um conta como quer. Sempre achei estranho que o número de mortes da Pneumónica (ou gripe espanhola) variasse entre os 17 milhões os cem milhões. Mas pensei, coisa de há cem anos, era difícil contabilizarem tudo como deve ser, ainda por cima no fim de uma guerra. Por este andar vai acontecer o mesmo desta vez. Apesar de tudo por aqui há órgãos de comunicação que fazem contas e questionam números. Questionar os números oficiais é importante. E como todos sabemos há países onde isso é impossível. Os números andam subavaliados e já só se pensa no desconfinamento. Claro que não podemos ficar dois anos fechados em casa. Mas voltaremos a fechar-nos. Não tenho qualquer dúvida sobre a existência de 2º época, 2ª vaga, chamem-lhe o que quiserem. Dava jeito que a OMS desse regras concretas sobre a forma de fazer contas. Dava jeito haver alguma harmonização. Isto vai demorar. As vacinas levam tempo e por isso nada de stresses a pensar que este ano podemos não ter férias à séria. Este ano não é um ano. Ou antes é um ano para rascar e aguentar [#MundoDePantanasgoucha](#)

[#EstadodeEmergênciadia41](#) Há muita família onde só está a entrar um ordenado. Ou nenhum. Não preciso de procurar nas páginas dos jornais (coisa que já se usa pouco no verdadeiro sentido da página em papel) ou em qualquer outro órgão de comunicação social. Basta-me pensar em pessoas próximas, uns da minha geração, atropelados por fecho de empresas ou reestruturações para ficarem mais enxutas e magrinhas, e outras igualmente próximas com menos 15 a 20 anos do que eu. A quantidade de atividades que pura e simplesmente parou e fechou é imensa. Quando e se irão conseguir retomar a atividade é uma incógnita, mas demorará muito tempo a ser igual ao que era, se é que algum dia vai ser. Se me puser a contar, não me chegam os dedos das mãos, e só estou a falar de gente próxima, amigos a valer. E depois há o lay-off. A coisa não está fácil. O vírus é um animal, está a tramar a vida de muita gente. E não é só por estarem confinados, fechados, que nos primeiros tempos até lhes deve ter sabido bem descansar. Não sabemos o que vai acontecer, nem vale a pena pensar muito para não paralisarmos com mais um medo. Estive a ver os Pdf das edições do 25 de Abril de 1974 do Diário de Lisboa, República e o Século Ilustrado, que o Paulo, meu ex-colega de jornal, me enviou depois de eu ter falado que tinha recebido a do Diário Popular. Se este país conseguiu fazer uma Revolução com cravos, talvez sobreviva criativamente ao coronavírus. A obra continua. Com menos gente a trabalhar mas muito barulho de máquinas que tremem

[#MundoDePantanagoucha](#)

[#EstadodeEmergênciadia42](#) Vamo-nos desconfinar. Devagar, com regras e máscaras. E um aviso do primeiro-ministro de que isto pode andar para trás. O desconfinamento tem riscos, o confinamento tem outros riscos. Tudo tem riscos com este vírus tirano do medo, fascista dos afetos. Uma chatice. Estou mentalizada para vários confinamentos, várias repetições da lengalenga 'ó meu tenente, ó meu tenente, um passo atrás, um passo à frente, ó meu soldado, ó meu soldado, um passo à frente, um passo ao lado'. Vamos ter meses de máscaras, medo, estado de alerta, tensão, stress, chatice. Vou continuar o diário. O meu mundo vai continuar de patas para o ar e pouco me importa que o estado passe de emergência a calamidade. Para mim continuará de emergência porque este nível de alerta incomoda. E é incómodo. Raios partam o fascista do vírus

[#MundoDePantanagoucha](#)

[#EstadodeEmergênciadia43](#) Último dia da 7ª semana de teletrabalho. Onde é que eu alguma vez imaginei, mesmo no sonho mais atribulado, que me fecharia sete semanas em casa a trabalhar para o jornal de livre e contente vontade? Nunca. Sempre me apavorou a ideia de teletrabalho, da qual não gosto com confinamento ou sem confinamento. Mas, no meio deste medo pandémico, foi confortável, muito confortável ficar em casa, mesmo a aturar o barulho insuportável da gigantesca obra ao lado, as máquinas insuportáveis, e a ter pena dos desgraçados dos operários (em número cada vez mais reduzido) que via pela janela a darem no duro. Acho que só são mesmo os menos protegidos ficaram; o grupo de trabalhadores que era multirracial há um ano, ficou muito homogéneo nesta vertente e nesta fase. Vou continuar em casa, disseram-me para ficar, o regresso vai ser muito faseado e rotativo para não ficarmos todos muitos juntinhos nas nossas ilhas. Não me importo nada, mesmo não gostando de teletrabalho, tenho a maior desconfiança do que pode acontecer neste maio, não há santa que nos valha, até porque não valeu aos pastorinhos na pneumónica. Só me fechei (mais ou menos) há mais de uma década para escrever um livro, boa parte dele, e quando a minha caprichosa hérnia lombar me impedia de fazer o mínimo gesto sem gemer. Isto para dizer que fico ternamente desconcertada quando leio mensagens de estrangeiros amigos ou outros com quem falo em trabalho, a afirmarem que as coisas correram muito bem em Portugal porque os portugueses têm uma elevada responsabilidade cívica e cidadania. Eu que não me acho totalmente desprovida de responsabilidade cívica fechei-me por uma reação muito mais primordial que passou pelo medo. E não acho que as coisas tenham corrido bem cá na terra. Podiam ter corrido bem pior mas daí a dizer que correram bem há uma grande distância. A ver vamos o que nos reserva este maio

[#MundoDePantanasgoucha](#)

[#EstadodeEmergênciadia44](#) 150 mil velhos/idosos fechados em lares nesta Primavera do nosso confinamento. Como se diz a alguém com poucos anos de esperança de vida que deve cortar com o mundo? Não sei por mais que entenda a medida. Nenhum de nós sabe quanto tempo cá anda, mas eles sabem que não será muito e que cada dia é para

aproveitar. Será que o telefonema de Trump para o PR traz Lages no bico? Ou anda apenas a ligar aos chefes de Estado de vários países neste Dia do Trabalhador, manifestações virtuais, dizem que vão estar cerca de 400 pessoas na Alameda. Há anúncios de que as máscaras sociais estão a chegar ao comércio, nas lojas que estão abertas já se veem pessoas a usar máscaras no atendimento. Em compensação, ainda ontem numa compra estava a reparar nas luvas e a pensar que em muitos casos são uma grande porcaria. Valia mais atenderem com as mãozinhas e um frasco de gel ao lado. Andam de luvas mas depois aquelas luvas mexem em tudo como se vivêssemos no longínquo século de fevereiro deste ano, quando a pandemia ainda não se chamava pandemia e o corona vírus eram notícias vindas de longe. A obra parou. Tal como na Páscoa respeitaram a proibição de circular entre concelhos

[#MundoDePantanasgoucha](#)

[#EstadodeEmergênciadia45](#) Acordei com uma foto dos primos de Madrid. Na rua, pela primeira vez desde 13 de março. Tinham ido caminhar 30 minutos, num caminho de terra batida perto de casa, que percorri com eles no dia 29 de fevereiro. Claro que saíram desde 13 de março. Meia dúzia de vezes para comprar pão e uns víveres na loja de conveniência do bairro. Hoje foi o dia de em que muitos espanhóis e estrangeiros residentes puderam finalmente sair. Das 6h às 10h, autorização para caminhar, correr, bicecletar, ao ar livre, na rua. A benesse vai das 6h às 10h porque o horário das 10h ao meio-dia é para os idosos e pessoas com deficiência. Logo à noite vão poder voltar a caminhar entre as 20h e as 23h. Um prazer imenso ao cabo de 50 dias de confinamento. Os primos têm uma bela vista verde. Regressei de casa deles no dia 1 de março, quando ainda havia poucos casos na Espanha continental. Mesmo assim, uma grande amiga e ex-colega, bem mais nova do que eu, falou comigo ao telefone como se eu tivesse lepra. Não liguei porque estou acostumada aos comportamentos dela. Uma semana depois, já estava preocupada com o que se passava em Espanha. Veio o 8 de março. Um ano antes, em 2019, fui à manifestação do Dia da Mulher em Madrid. E, cinco depois, os primos como muitos dos que lá vivem ficaram em casa. Tranquilos como estão tiveram um belo confinamento. Incluindo o mais novo com 20 anos. Agora já podem caminhar entre as 6h e as 10h. Sentir o sol, cheirar as ervas e as plantas desta primavera do nosso confinamento. E pisar a rua

[#MundoDePantanasgoucha](#)

[#EstadodeEmergênciadia46](#) Mudaste de nome mas o 'Alerta, põe-te em guarda' é a canção que continua a reger as nossas vidas. Não podemos baixar a guarda chames-te emergência, calamidade ou sítio. Devagar, sem pressa, e com muitas cautelas. "Se os nossos jornais e revistas falassem estariam a dizer 'Muito obrigado, soldados do papel' ", lê-se nos mupis que estão espalhados pela cidade. Hoje é Dia Mundial da Liberdade de Imprensa, ou seja da comunicação social em sentido lato. Refiro-me a órgãos credíveis e não a coisas meias parasitas, oficinas de contrafação do trabalho alheio que pululam com alguma expressão nas redes sociais. A campanha da distribuidora Vasp é uma homenagem às pessoas que durante este período trabalharam em nove mil pontos de venda de jornais no nosso país. Fazem parte dos que nunca pararam de trabalhar fora de casa. Mas, no dia de hoje, assenta que nem uma luva para lembrar que a liberdade de imprensa tem sido fundamental para sabermos o que se passa e escrutinar decisões tomadas. De Itália, fotos de uma Florença vazia, em que desde ontem há permissão para circular a pé ou de bicicleta. Com cuidado, muito cuidado. Uma pequena abertura depois do grande confinamento e do grande pesadelo. Pasmos com as declarações da comissária europeia que diz para usar máscaras nos voos mas que é contra os lugares de intervalo, como defende o governo português para a TAP. Os aviõezinhos e os aeroportos são mesmo espaços que todos devemos evitar nestes meses mais próximos. Três dias sem obra, três dias sem ouvir o batuque infernal. Pequenos privilégios do confinamento

[#MundoDePantanasgoucha](#)

[#EstadodeEmergênciadia47](#) **[SEGUNDA-FEIRA, 4 MAIO]** Vi uma amiga do outro lado da rua. Ficámos muito contentes, muitos 'que bom, que bom', eu no carro parada num semáforo, ela no passeio do lado contrário. Uma festa de exclamações. Foi ontem, escrevi cedo e não contei. Mas também não contei que no trajeto que faço todos os domingos (sempre por caminhos diferentes desde que começou a pandemia para ver mais zonas da cidade) fiquei de coração apertado quando passei ao pé de um lar perto da Artilharia 1. Uma família cá em baixo, todos a olhar para cima. À janela, uma senhora olhava para baixo, debruçada no parapeito do lar onde vive. É tudo tão triste, tão desumano, tão gélido. Hoje é a primeira

segunda-feira sem estado de emergência legal. Nada mudou no meu dia, continuo em teletrabalho, a obra rosna um ruído ensurdecedor depois de três dias de maravilhoso silêncio. Do outro lado da rua, há um prédio com obras num apartamento. Deve ser horrível para os vizinhos do prédio, levar com uma intrusão destas quando está tanta gente em casa. Mal por mal a obra que rosna e me estraga a casa, é fora de portas, fora de vidros. Desde que não voltem a partir mais nenhuma parede só os avisto da janela. Já olho de esguelha para a esfregona, como se fosse um réptil de que não consigo fugir. E pergunto ao espelho: 'vou ao cabeleireiro, não vou ao cabeleireiro?'

[#MundoDePantanasgoucha](#)

[#EstadodeEmergênciadia48](#) A prima João deixou de ser (pseudo) recibo verde no fim do estado de emergência legal. Um case-study do desconfinamento e uma excelente notícia para ela que lhe vai reduzir em muito os níveis de cortisol e dessas hormonas que provocam ansiedade. Pela parte que me toca, contente que nem um esquilo no parque porque apareceu um objeto com imenso valor emocional que dava por perdido há muito. Um objeto pequenino mas cheio de simbolismo. Telefonei para a Wells para saber se já teriam as anunciadas máscaras sociais, daquelas que são certificadas e até foram anunciadas pelo governo. A resposta foi não temos, nem nunca tivemos porque não vieram. Tivemos umas outras que eram laváveis 20 vezes mas já acabaram e cirúrgicas devem vir amanhã'. Moro numa zona em que é mais difícil arranjar máscaras, está bom de ver. A única caixa que comprei para dividir com a família foi numa avenida de passagem da cidade quando não andava viva na rua. Acordei com a obra, e não consigo perceber porque fazem um barulho enorme às 7h30 e depois abrandam entre as 9h e as 10h. A meio da tarde apanhei dois sustos com os estrondos. Sustos que me fazem subir os níveis de cortisol e dessas hormonas que provocam ansiedade. Troquei mensagens com uma colega de jornal com quem não falava há muito e ficou espantada quando lhe disse que estou ótima. Diz-me que sou um fenómeno ao que respondo 'não estou doente, não tenho ninguém doente, e pagam-me o ordenado ao fim do mês'. Tirando a esfregona ter ar de réptil que me persegue são indicadores de quarentena de luxo

[#MundoDePantanasgoucha](#)

[#EstadodeDesmergênciadia49](#) Prefixei-te com um Des, que a malta anda assanhada a fazer leituras que não estão escritas e eu acredito na força das palavras. Prefixei-te com o Des, querido diário da emergência, porque não estou para ser epitetada de contrarrevolucionária porque já não estamos em estado legal de emergência, embora continuemos em alerta de emergência e estado. A grega pandemia – sim porque ela vem do grego – que mais não é do que uma doença que atinge todo o povo devia ter sido decretada mais cedo, pelos efeitos mágicos que tem sobre as decisões dos detentores de poder. O número de contagiados subiu e não foi pouco, avisando que a curva pode voltar a subir. Também há mais gente internada e nos cuidados intensivos. Estamos em alerta de emergência ou emergência de alertas. Mesmo assim, há quem pergunte se vou marcar alguma viagem lá para setembro. Devo andar muito estranha porque só consigo pensar no que se passa no momento, no agora. Projetos para viajar só se for daqui a dois anos ou um, se isto correr bem. O mundo continua de pantanas e a obra também

[#MundoDePantanasgoucha](#)

[#EstadodeDesmergênciadia50](#) Tenho saudades da redação. Há 55 dias que não entro no jornal. O que não quer dizer férias nem menos trabalho. Antes pelo contrário. Isto vai passar um dia, a vida vai voltar e quando atravessarmos o Rubicão voltaremos a andar de cara descoberta, sem máscara e preocupações. Há pessoas que encaram isto como uma lição. Não vejo lição nenhuma em doenças. Nem nas guerras nem em nada que trame a vida da gente. Não procuro sentidos filosóficos na pandemia porque não existe. Não é um sinal, é uma doença. Como já houve outras noutros tempos. Como haverá outras, espero que bem longe deste tempo que vivemos. Dei por mim a pensar que o baton é coisa para ficar quieto, não vou por baton para ficar escondido e sujar a máscara. Dei por mim a pensar que seria melhor subir as bainhas das calças de verão para evitar qualquer contacto com o chão; modelo pinto-calçudo... Dei por mim em pensar em coisas que nunca me viriam à cabeça no tempo em que o meu mundo era mundo. Isto um dia vai passar, mas os contágios ainda estão a aumentar. Estado de alerta e de emergência não legal. Safa-se a decisão de cancelar os festivais de verão. 2020 é ano de máscaras e confinamento em várias intensidades. E chinfrim de obra. A mais paradoxal das misturas

[#MundoDePantanasgoucha](#)

[#EstadodeDesmergênciadia51](#) Hoje foi o pão. Saiu de alfarroba, só percebi depois, é um stress fazer compras em tempo de coronavírus. Não levo óculos de ler, os únicos que uso, para não ter que mexer neles no supermercado. Faço tudo a correr, pego nas coisas e volta que não volta saem compras estranhas. O pão saiu de alfarroba, alfarroba seja, recorda-me as vagens caramelizadas que a Dádá me trazia do seu Algarve natal. Às vezes vinham galinhas de figo num cestinho. Os hotéis por onde passei continuam fechados, um restaurante XPTO escancarado em limpezas. Não vi mais gente na rua, mas vi muita obra, a construção não pára, nem aqui ao lado, nem nas ruas que fiz até ao Minipreço mais próximo. Tresli as regras da DGS, esta sigla dá-me urticária que umas siglas lembram outras. Gosto de comer fora, sempre gostei, adeus mesas trocadas, manda a DGS “impedir que os clientes modifiquem a orientação das mesas e das cadeiras” etc e tal. Devia ter tido um jantar de curso, mas foi decretado o estado pandémico, não houve jantar. Antes disso já eu o tinha cancelado enquanto membro da organização em modo voluntária por vontade dos outros. Vamos ver se para o ano há jantar. Dei os parabéns à Cristina e pensei que lá se foi a ida a Ischia pelos meus anos. Ainda não é desta até porque a Graça Freitas disse hoje preto no branco que “o vírus está em circulação”, o mesmo é avisar não baixem a guarda que o perigo anda aí

[#MundoDePantanasgoucha](#)

[#EstadodeDesmergênciadia52](#) A viseira a servir de pala dá um jeitão. Era como a tinha o rapaz da bomba de gasolina. Máscaras no queixo voltei a ver várias. Mas isso já é um clássico que faz escola. Não entrei em nenhuma loja, meti gasolina, dei o recado de longe mas chegou para ver o estilo com a viseira tipo pala. Com os vidros bem fechados dei uma apitadela e fiz umas macaquices com o ar mais divertido que consegui e ele lá baixou a viseira. Na Av. Igreja muita gente de máscara. E bicha para os gelados da Conchanata. Falei com uma amiga dos tempos de faculdade, uma das pessoas mais resistentes à adversidade que conheci. Recibos verdes, como alguns dos meus colegas que foram apanhados nas voltas das crises. Já está à espera de tudo, porque os falsos recibos verdes esperam sempre tudo. O que lhe custa mais é mesmo lidar com o que se

está a passar, os sustos com a Mãe, a estranheza dos dias. A obra fez semana inglesa. Acho que foi o primeiro sábado em que pararam de trabalhar à hora de almoço

[#MundoDePantanasgoucha](#)

[#EstadodeDesmergênciadia53](#) A maldade e a violência doméstica são uma pandemia que atravessa ao mundo, passa debaixo do nosso nariz sem ninguém ver. O triste e trágico fim da pequena Valentina ultrapassa tudo. Como é que nunca ninguém notou nada, como é que a menina passou este confinamento em casa, tudo indica, de quem a terá morto? Como é que há pais que matam filhos? Querem pior vírus do que esta loucura cheia de maldade?

[#MundoDePantanasgoucha](#)

[#EstadodeDesmergênciadia54](#) O coronavírus tem bairro, e o confinamento pode ser um privilégio burguês, expressão muito em voga na minha adolescência pós-25 de Abril. O vírus tem tudo para atacar mais quem vive em bairros onde há casas com muita gente. Com tanta gente que ninguém consegue manter a distância, isolar-se. Tem tudo para atacar mais quem tem trabalhos que não podem parar nem ser feitos em teletrabalho. Podia continuar mas quero apenas dizer que o distanciamento social e o confinamento são um privilégio. É melhor aproveitarmos o que temos e não nos queixarmos em excesso

[#MundoDePantanasgoucha](#)

[#EstadodeDesmergênciadia55](#) Pensei várias vezes nos presos políticos neste teletrabalho regido pelo batuque da obra. Pensei nos que conheci em criança, nos que conheci vida fora ou em trabalho, nos outros, os de cá e os de lá, os que estão vivos e os que estão presos neste mundo

confinado. Ontem, quando já era hoje, ouvi o Podcast 'O Mundo a seus Pés' do Expresso. O meu colega José Pedro Tavares, nosso correspondente em Ancara, que foi apanhado cá pelo cancelamento de voos, e ainda não conseguiu voltar para a casa para junto da família, contou que Erdogan libertou muitos presos por causa da epidemia mas manteve os presos políticos na cadeia. Ao ouvi-lo lembrei-me que já tinha pensado várias vezes na força dos presos políticos para suportar o isolamento.

Lembramo-nos mais vezes deles por terem sido torturados, mas o isolamento também deve ter sido difícil, difícil. Se este confinamento voluntário e de luxo em que só fica em casa quem pode é custoso, o que será ou terá sido o isolamento forçado e violento. O nosso é um pequeno sacrifício, faz-me bem sair da bolha, pôr tudo em perspectiva. Hoje é a quinta capicua deste diário. Olhei para a terceira e quarta capicuas entre o espantado e o desconfiado. Ao escrever dia 33 e dia 44 achei que não era bem assim. Cheguei ao 55, nona semana de teletrabalho. Uma estranheza entranhada. E não é como a água tónica

[#MundoDePantanasgoucha](#)

[#EstadodeDesmergênciadia56](#) 13 de maio, faz hoje dois meses que fui ao jornal pela última vez. Falei com a minha colega Sofia e demos as duas conta disso, saímos de casa para ir trabalhar na sexta-feira 13 de março, depois trabalhámos em casa, sempre, nunca menos do que lá. Ela está exausta, com muitas tarefas colaterais, três crianças em casa, acompanhar aulas, acudir a vídeos, zooms escolares, mais comida para fazer, mais coisas para limpar. Um universo de tarefas que não conhecíamos. Choveu como se estivéssemos nos trópicos, vi a chuva a bater na janela, intensa, lava as ruas que bem precisam. Há mais cocós de cão, ou os donos deixaram de os apanhar ou os motocoão da câmara deixaram de funcionar. Sempre limpavam a porcaria com aqueles aspiradores de excrementos. Do lado de lá da rua sai fumo de uma chaminé. Desde que a casa foi vendida que não via sair fumo daquela chaminé. Sei que é fumo da salamandra porque frequentei muito aquela casa, no tempo em que o Henrique ainda não a tinha vendido nem se tinha mudado para outras paragens. O telefone e as redes mantem-nos a perfeita ilusão do contacto com os

amigos, como agora o fazem. Mas não é a mesma coisa que conversar no café. Tenho saudades disso. Ainda hoje a Ângela ligou a perguntar quando será que iremos às nossas saladas, o restaurante que têm as melhores saladas perto do jornal

[#MundoDePantanasgoucha](#)

[#EstadodeDesmergênciadia57](#) O novo coronavírus está a ficar velho. Envelheceu quando nos fez mudar de estação e de hora neste confinamento em que ele é o invisível carcereiro. O novo coronavírus invadiu o raciocínio do primeiro mundo, ocupou jornais e telejornais, dominou o raciocínio dos cidadãos e a reação dos governantes. É perigoso e disso não tenho dúvidas seja qual for o maior perigo que ele representa. Olha para o mau tempo com apreensão e para o bom, pouco dado a ficar em casa e a manter a distância, como um aliado. Não sei o que ele pensa das mensagens, mas eu estou cansada de ler mensagens. Parece que o vírus manietou o hábito de pegar no telefone, que pouparia a leitura de 20 mensagens para dizer a mesma coisa. Por muitos mal entendidos que possam surgir numa conversa, há mais riscos numa repetida troca de mensagens. Ninguém lê nada do princípio ao fim, tira-se o todo por uma palavra, deduz-se o que se quer. Já para não falar nos chats. É mais fácil falar, o vírus não encarcerou o circuito da voz humana, e não há novo normal nesta fase pandémica

[#MundoDePantanasgoucha](#)

[#EstadodeDesmergênciadia58](#) Assustei-me com um estrondo maluco da obra, a grua a transportar um contentor, esta coisa seria um calvário em qualquer situação, por ter feito sair os antigos habitantes numa cidade que andava deslumbrada com os que vinham de fora em detrimento de quem cá sempre esteve. Saber o que vai acontecer a este fenómeno é uma das grandes incógnitas, Macron já disse que os franceses este ano fazem férias em França, este bairro andava demasiado cheio de turistas e

novos residentes franceses. E não só. Tanta casa para aí vamos ver o que vai ser. Fui às compras alimentícias, não vi mais gente na rua. Apanhei um sol gostoso, mal tive tempo de chegar a casa para o céu virar chumbo e se desfazer em água, tempo maluco para este paralelo mais parecem os trópicos em que a chuva desaba de um minuto para o outro. O novo ministro da Saúde do Brasil já não é ministro, não durou um mês, o que teria levado um médico a achar que poderia convencer alguém que tem uma agenda do eu irracional a ser razoável. Outra incógnita por decifrar. Passei parte desta 9ª semana de teletrabalho, escrita com número em vez de por extenso faz o número parecer mais real, a saber coisas de África para escrever sobre o continente em que 258 milhões de pessoas não tem água ou sabão para lavar as mãos e se usam cinzas no lugar de sabão, quando há água para lavar as mãos. Fiquei a pensar que este vírus talvez seja do primeiro mundo, não sei se será mas ficou mais importante do que todos os outros que andam confinados naquele continente

[#MundoDePantanasgoucha](#)

[#EstadodeDesmergênciadia59](#) Falei com uma amiga que está em lay-off, trabalha na TAP, diz que vão recomeçar na data prevista, que as low-cost podem não aguentar, que vão ficar companhias de bandeira etc e tal. Este discurso é um pau de dois bicos e fico a pensar se o embandeiramento pode significar um novo novo banco, a TAP sempre levou grandes injeções de dinheiro, não sei se vale a pena, suspeito que o sector ande uns anos para trás em volume de tráfego, e isso pode ser bom para o ambiente e para os ouvidos de muitos. Vamos esperar para ver, é melhor não comentar, as palavras soam diferentes em cabeças diferentes. Usei esta semana um termo de toda a vida, que sempre usei incluindo para brincar com os traços de uma criança da família que está mais do que adulta. Conversa por mensagens, o interlocutor achou deselegante eu acho divertido e humorado. Efeito da pandemia não reagi ao comentário de ser deselegante, há 3 meses tinha-me chegado a mostarda ao nariz, agora estou naquela de oscilar entre cada um pense o que quer e evitar comentar. Não vou mudar as minhas palavras pelo que os outros pensam, prefiro não falar, falar em silêncio. O grande problema é que ficar calada

não é da minha natureza. Chegaram N mensagens dizendo que a Livraria Barata corre o risco de fechar. É pena, tem uma longa história desde os tempos em que era uma papelaria/livreira que vendia livros censurados por baixo do balcão

[#MundoDePantanasgoucha](#)

[#EstadodeDesmergênciadia60](#) A Eva faz 40 anos, devia ser dia de festa na família, a segunda que vai ao ar, com números redondos, desde que começou a loucura não falo de medo para não ferir suscetibilidades. Ontem à noite ouvi o embaixador José Cutileiro na TSF. Respirava em esforço e apuros, indícios de que o coração pode estar a fraquejar. Aquele respirar lembrou-me a fase final do meu Pai. Esta manhã chegou a notícia da sua morte, um telefonema do jornal. Uma voz lúcida, um homem do mundo que sabia que o mundo é diferente, que não podemos nem devemos impor (aos outros) modelos e valores culturais. Vai fazer falta a muitos, leitores do Expresso incluídos pelas belas crónicas de vida, de gente diferente, que os seus obituários registavam todas semanas. Teve uma bela e boa vida, trabalhou até ao fim com uma cabeça notável

[#MundoDePantanasgoucha](#)

[#EstadodeDesmergênciadia61](#) Intriga-me saber que relação tem o vírus com os gelados. Namoram? Desde que o vírus ficou pandémico passei a ver longas filas, bichas, chamem-lhe o que quiserem à porta de todas as gelatarias por onde passo, no princípio eram poucas mas agora já são mais. Há uma pequena, mesmo pequena, a caminho do Parlamento, produto de qualidade, os gelados são bons fica tudo na rua a dar volta ao quarteirão que faz esquina para a outra rua, o passeio é estreito não é coisa para aliviar a pressão do desconfinamento. Eu adoro gelados, fico logo desmoralizada com a ideia soviética de ir para a bicha comprar um sorvete e levar com pessoas a 30 cm de mim com um vírus invisível a pairar algures. Uma conhecida que é enfermeira disse ontem das boas numa rede social depois de ver imagens de piqueniques na Ribeira das Naus como se não houvesse amanhã e ontem fosse o último dia em que o

mundo era mundo. O PM diz para sairmos mas também diz para fazer a coisa 'doucelement', isto é devagar e com calma. Comam gelados mas não se atropelem nem ocupem os jardins como se estivessem no Rock Rio. Ouço a velha Tia que não é tão velha nem tia - no rigor do parentesco - mas é mais do que isso no sentido da vida, e ouço dizer 'há dois meses que não saio de casa', respondo 'isso não te custa, com o passar dos anos desaprendeste de gostar de sair'. Senti um baque, já tinha pensado numa amiga mais nova que prefere viver mais longe da rua. Um baque e um balão que pergunta, 'será que vou ficar como elas, a deixar de gostar de rua, a desaprender de sair, será que estes dois meses me ocuparam a pele como a maldita alergia que continua à espera da consulta de diagnóstico?'. Pensei várias vezes que esta coisa era um estágio para uma fase seguinte, li com atenção um aviso que a Joana Lopes fez à minha geração 'aprendam a estar em casa, vai ser-vos útil no futuro'. As palavras não sei, a mensagem era esta. Só o tempo dirá se desaprendi de sair, de gostar de estar na rua, não falo de andar, falo de estar, eu que sempre gostei muito mais de rua do que do espaço da casa, a prova disso é que só comprei a casa onde vivo pela vista da janela agora estragada pela obra do monstro como as paredes da casa. Mas não me abalanço sequer a pensar na viagem pensada para os meus anos, não digo planeada que planos não faço, aprendi há muito que vão todos para o lixo, o imprevisto dos dias ultrapassa-os sempre, pela direita, qual mau condutor. Agora é água fria, a lixívia dilui-se em água fria veio a DGS dizer ao fim de dois meses a falar e repetir medidas de limpeza, desinfeção e respetivas diluições. Pensando melhor a culpa é dos jornalistas que não souberam explicar o que a DGS devia ter explicado com a clareza branqueante da lixívia. A 'mãe' da DGS que se chama OMS devia pensar antes de libertar informação. Não se pode dizer tudo e depois o contrário num momento em que ainda é momento de muito cuidado

[#MundoDePantanasgoucha](#)

[#EstadodeDesmergênciadia62](#) A informação sobre a pandemia deve ser clara e objetiva, lave as mãos, fique em casa, atenção à tosse, não espirre

para cima dos outros, o mesmo para as medidas de higiene dos espaços, sobretudo depois de numerosos alertas de que o vírus poderia permanecer horas imensas em superfícies de uso doméstico ou profissional. Esta longa permanência do novo coronavírus que além de estar velho nos envelheceu criou uma ansiedade geral, uma atenção constante à limpeza de objetos, superfícies e compras. Não foi o zé nem o manel nem o jaquim que se lembraram de desatar a limpar e a desinfetar puxadores e telemóveis. Foram as autoridades de saúde que assim o recomendaram. Eis que nos últimos dias surgiram notícias na imprensa do mundo inteiro de que a OMS já poderia achar que o vírus não se transmitia pelas superfícies. Mais de dois meses passados sobre a declaração da pandemia e bem mais tempo desde que esta coisa começou, já era mais do que altura para a OMS saber que informar é uma arma contra o vírus. E quando falo de informar falo de comunicar Bem. O site da OMS é tudo menos intuitivo de utilizar. Quando consegui ler no informe de 14 de maio o que diziam sobre as limpezas, não era bem o espectro terrível que conduziu à infável sugestão de Trump para se fazerem shots de lixívia, nem que as superfícies são amiguinhas e limpinhas. O dito «situation report 115» diz que “Although fomites and contaminated surfaces have yet to be conclusively linked to transmission of SARS-CoV-2, demonstration of surface contamination in healthcare settings³and experiences with surface contamination linked to subsequent infection transmission in other coronaviruses, have informed the development of cleaning and disinfection recommendations to mitigate the potential of fomite transmission of SARS-CoV-2 in healthcare³and non-healthcare setting”. Se isto não dá para titular que a OMS diz que o vírus não se transmite nas superfícies também não contraria a prática anterior. Esta lá o “yet to be conclusively”. Numa altura destas pôr informação cá fora para baralhar a malta pode ter maus resultados. Para dizer coisas que não são coisas vale mais estar calado. A OMS faz falta, sobretudo à população dos países mais frágeis, mas tem de se lembrar que tem responsabilidades políticas no sentido original do termo. Haja tino e bom senso na comunicação. O chinfrim da obra continua, tudo como dantes quartel-general em Abrantes

[#MundoDePantanasgoucha](#)

[#EstadodeDesmergênciadia63](#) Plantam-se anúncios espontâneos nos jornais digitais que abro e na coluna ao lado do meu email. Sabes de quê, meu mundinho de pantanas? Casas à venda em Marrocos, Sotogrande que tive de ir ver onde era, Puglia, coisas que não pesquisei nem de perto nem de longe. Aliás Marrocos, nem tenho espreitado os jornais que lá se publicam em francês! Muito esquisito. Nem viagens ou hotéis ando a pesquisar, até desisti espontaneamente da minha ida a Ischia este ano. A minha única preocupação com casas é reportar os novos estragos desta onde te faço estas confidências e combinar a visão in loco com o engenheiro e o encarregado da obra ao lado, porque eles querem vir cá ver a dita segunda vaga de estragos sem ser por fotografia. Já lhes disse que terão de vir de máscara e arranjar sapatos descartáveis, em alternativa posso fornecer sacos do lixo para fazerem as vezes de sapatos descartáveis. Enquanto vigorou o estado de emergência não os deixei vir, mas com a insistência deles tem de ser porque nesta cegada que me atropelou a vida pela primeira vez em julho do ano passado eu cumpro os passos formais todos. Ontem ao fim da tarde fui ao supermercado, encontrei uma colega de faculdade e conhecemo-nos apesar de termos as duas a cara tapada com máscaras. Só não deu para jogar a minha é mais gira do que a tua porque eram as duas muito cirúrgicas. Havia gel á venda, mais barato do que andou por aí, e máscaras. A rua estava tranquila mas uma amiga a quem dei os parabéns contou-me que o Jardim da Estrela quase que parecia sei lá o quê. O “El Pais” divulgou a ata de uma reunião do centro europeu de prevenção de doenças, na Suécia, a 18 de fevereiro. Não se passava nada, os responsáveis achavam que o coronavírus andava por paragens longínquas: quatro dias depois, a 22, o governo italiano realizou um conselho de Ministros extraordinário num sábado, terminou perto da meia-noite, moi estava de piquete no jornal e lembro-me bem, e esse conselho de ministros decretou o fecho de Milão e o isolamento das primeiras 11 localidades na Lombardia. Ou seja, a 18, ‘no passa nada’. Espero sinceramente que todas estas organizações internacionais aprendam alguma coisa com o que se passou e a comunicar de forma

clara para não andarem a dizer uma coisa e o seu contrário em momentos pandémicos

[#MundoDePantanasgoucha](#)

[#EstadodeDesmergênciadia64](#) Não gosto da máscara, respiro mal com ela, não quero adaptar-me porque me faz sentir velada, oprime-me o simbolismo da cara tapada, o lado político que o escondimento confina. Tapo a cara por causa do estúpido do vírus porque as regras sanitárias assim o ditam, mas não me adapto nem aceito, cumpro maquinalmente como cumpro sem aceitar, interiorizar ou deixar-me tocar uma série de outras cretinices ao longo da vida. Faz parte das regras do jogo social, e eu jogo, não pertença ao género que contesta de fora, contendo por dentro. Isto cruzou-se na minha cabeça e não há nada a fazer. Ando contente com a primeira Volta ao Mundo, o trabalho que tanto me entusiasmou nos últimos meses de 2019. De vez em quando há trabalhos que nos dão alento, feedback, mensagens de pessoas que não conhecemos de lado nenhum e que dizem bem, coisa que nós jornalistas estamos pouco habituados. Tirando o senhor Augusto Kuttner que escreve coisas simpáticas a quase todos os jornalistas do Expresso, a maioria dos emails é para dizer mal. Faz parte do pacote, há anos que acho que temos uma função quase psicanalítica, as pessoas dizem mal porque dizem mal e depois ficam contentes e aliviadas porque disseram mal. Só por isso já merecíamos estima, ora de que é que andariam a dizer mal se não existissem jornalistas. Confesso que nestes tempos de confinamento me cansei dos comentários nas redes sociais sobre esses seres que como toda a gente sabe mandam nos países, infiltram-se na cabeça dos políticos para tomar decisões e nas paredes das organizações internacionais para debitar qual poder transcendente. Cansei-me de ler comentários de gente que prefere poupar ou ignorar organizações que deviam ser responsáveis, decisores que tomam decisões e prefere bater no mensageiro que está mais a jeito de ser saco de boxe. De quando em vez o mensageiro reage, sacrossanta resposta 'não és tu, há uns que são sérios, mas os outros...' , os outros são sérios ou bem humorados, trabalham no duro, e não estão para ser insultados com o suspeito rótulo de tipos corruptíveis por quem não consegue distinguir o âmago da questão do

mensageiro que o relata. Nos meus primeiros anos de trabalho ficava incomodada quando ouvia diálogos do gênero em convívios comestíveis de família ou amigos. Sentia-me invisível e pensava 'estes tipos nem pensam que me podem estar a ofender'. Não pensavam mesmo. Nunca perguntei porquê, nunca estive para ter o trabalho de me chatear, as respostas seriam muitas, variadas, com o traço comum de imaginarem que jornalista séria não tem ouvidos e por isso deve ouvir e calar. Dois meses depois de ler muitos comentários fartei-me de me fingir de muda. E disse aqui faladamente. Não sei se vai ficar tudo bem, não há novo normal e não temos que nos adaptar. Cumpre-se e isso basta para garantir proteção [#MundoDePantanasgoucha](#)

[#EstadodeDesmergênciadia65](#) A rua é a casa de todos e as máscaras parecem os novos preservativos, competem com estes a sujar a rua. Neste bairro onde moro, cheio de bares e atividades noturnas há anos que ficam dejetos de preservativos das noites da ramboia de fim-de-semana. Agora são as máscaras e o velho cocó de cão, não volto a dizer dejetos, não tenho saco para branquear o lixo e a sujeira. O calor altera a perceção do risco pandémico, os números de contágios estão a subir, o tino escasseia, ontem ao final da tarde saí para compras, um monte de gente à porta de uma micro-espécie de bar no pequeno passeio da rua de esquina com a artéria onde passa o elétrico. Tudo na maior, uns em cima dos outros, nem 50 centímetros qual metro e meio de distância antivírus. Cada vez que vou à rua, verdadeira gincana atravessa aqui passa a correr para o outro lado, evita magotes. No decurso de uma zoomática reunião de redação senti o telhado a vir abaixo, dada a vizinhança assustei-me e mal acabou a reunião vim à escada. Por cima de mim o forro do prédio serve para arrumar tralha . Uns que herdaram uma casa fechada há um ano trouxeram uns tipos de mudanças para esvaziar as tralhas da casa herdada e nem se lembraram que estamos a aliviar o confinamento e que mora gente no prédio. Passei-me, refilei que deviam ter avisado nem se lembraram porque o umbigo é grande, mas no fim de tudo fui eu quem pôs água e lixívia no balde para lavar o patamar que é usado por mim e pelo vizinho do lado. Último dia da 10ª semana de teletrabalho, ecranite

aguda, não aguento o zumbido da obra mais tanto ecrã tanta mensagem, até para falar de coisas banais nada a ver com trabalho as pessoas mandam mensagens em vez de usarem a voz

[#MundoDePantanasgoucha](#)

[#EstadodeDesmergênciadia66](#) Estou boquiaberta com o prolífero léxico verbal do Presidente Bolsonaro. Não creio que tenha aquilo que poderemos definir como humor queirosiano para usar a palavra 'traque' em sentido irónico. Este é um de muitos termos que temos ouvido nas últimas horas, na boca de um Chefe de Estado. Sobre a substância que estas palavras escondem só sabemos que é substantiva. Aos meus amigos brasileiros só posso desejar Sorte, que bem precisam no meio da mistura de crises que estão a viver. A instalação de decisões gera insónias, os autarcas das zonas balneares estão contentes com a instalação de corredores de trânsito para turistas entre países da União Europeia. A gente percebe que os países do Sul da Europa dependem em muito do turismo balnear, que este confinamento é responsável por uma crise económica sem precedentes. Mas sem querer ser bruxa só posso dizer que os corredores têm tudo para dar asneira. O bicho anda aí. A obra começou às 8h mas já se calou, agora calam-se mais cedo ao sábado, modelo semana inglesa bem podiam deixar-nos este dia de sossego total

[#MundoDePantanasgoucha](#)

[#EstadodeDesmergênciadia67](#) Cravo foi o primeiro livro que li da Maria Velho da Costa. Foi no verão de 1976 ou 1977 e o livro era da minha prima Cila que disse sempre que aprendeu a escrever com o meu Pai. Eu aprendi com ela e as longas redações que me mandava fazer por volta dos meus 10 anos. A memória leva-me ao Duarte Vidal, amigo do meu pai, que foi advogado da Maria Isabel Barreno no inclassicável processo que o peso do Estado Novo moveu contra as Três Marias. Ria-me muito com as histórias dele, talvez por não ter filhos era o mais divertido dos amigos dos

meus pais que parava em nossa casa nas tardes de verão e que não tinha aquela contenção de linguagem que os adultos tinham na frente das crianças. Gostava muito dele e da mulher, a pintora Albertina Mântua que conheceu quando lhe tratou do divórcio, coisa pouca coisa antes do 25 de Abril de 1974. Tinha um grande vozeirão, muito útil segundo sempre ouvi contar na Campanha do General Humberto Delgado, quando eu ainda não existia nem era sonhada. O pequeno livrinho de capa branca – “O processo das três Marias: defesa de Maria Isabel Barreno” – andou anos numa mesa onde estavam os livros importantes lá em casa, e acho que ainda hoje sei onde anda. A memória acumula factos, saberes úteis e inúteis, mas a memória é sobretudo uma casa de afetos

[#MundoDePantanasgoucha](#)

[#EstadodeDesmergênciadia68](#)_Apanhar um médico empático é uma sorte. O mesmo se aplica a todos os outros profissionais de saúde. Se aliarem a capacidade pedagógica à empatia, os profissionais de saúde serão ainda mais úteis nestes tempos pandémicos. Claro que as pessoas não são o Super Man, até porque esse é personagem ficção. Durante o Estado de Emergência tentei não falhar um programa da TSF em que dois médicos do Instituto Medicina Tropical respondiam às perguntas dos ouvintes. Tiro o chapéu aqueles dois pela imensa capacidade de desmontar medos e perguntas que não eram fáceis de desmontar. Toda a comunicação social tem tido a sorte de ter pessoas com este perfil a ajudar, mas estes tinham uma assertividade, uma simpatia e uma capacidade de explicar coisas complicadas de forma simples e afetuosa que poucas vezes se encontra. Lembrei-me deles depois de ter visto uma reportagem com dois enfermeiros portugueses que estão a trabalhar com grande sucesso pedagógico na ilha do Príncipe, onde os recursos sanitários são muito mais do que escassos. É segunda-feira, voltou o insuportável ruído da obra. E hoje há nuvens de pó

[#MundoDePantanasgoucha](#)

[#EstadodeDesmergênciadia69](#)_Dia extenuante, há ‘visitas’ que são invasões cansam mais do que o trabalho mesmo quando o que tem de ser tem de ser, um momento quase cómico os homens com sacos de lixo nos

pés a fazer as vezes de sapatos descartáveis, todos de máscara até para uma pessoa se zangar fica estranho de máscara. O vendaval começou em julho do ano passado quando a demolição do prédio ao lado me partiu uma das paredes da casa. Só vi as garras do robot, mini escavadora dentada de 800 quilos, a leveza com se fazem estas coisas não é insustentável porque quem a causou nunca deve ter lido Milan Kundera, apenas irresponsável, laxista, esta mania do deixa andar os acidentes acontecem e os outros, os que estavam sossegados em casa, têm de aguentar os megaprojetos imobiliários da Lisboa pré-pandémica. Tive sorte com o inverno seco mas abril águas mil, maio com águas de verão, novo estrago no prédio enegreceu e molhou a parede. Dois estragos em menos de um ano, queriam ver sem ser por fotos, 'isto é o último andar', comenta o encarregado da obra gigante. Levei um mês para os deixar ver ao vivo como queriam até ter terminado o argumento da emergência de estado, condições pré-impostas sacos a servir de sapatos, luvas e máscaras qual astronautas proletarizados, um desgaste abrir a porta a quem não se convida nem nunca convidaria. A intrusão fez um clique preciso de opiniões os estragadores até podem reparar mas como confiar confiando em quem estraga estragando. Dia cansativo de visitas que nunca foram convidadas nem nunca serão

[#MundoDePantanasgoucha](#)

[#EstadodeDesmergênciadia70](#)_Merecias melhor comemoração, afinal o dia 70 são dois meses e dez dias, mais tempo do que parece quando não se enuncia o acumulado dos dias nem se repara que ele soma a progressiva subida dos contágios que se multiplicam de um vírus em que cada contágio pode dar muitos contágios. Quando tudo parecia ir tão bem os números sobem e a palavra oficial continua a ser 'ordem para desconfinar'. A cores, o vírus, nos seus desenhos computadorizados, quase que parece apetitoso qual molusco que se transforma em arrozada ou paella. Mas isso é a cores numa projeção computadorizada. Calor de ananases, o folhetim da obra continua

[#MundoDePantanasgoucha](#)

[#EstadodeDesmergênciadia71](#)_Desconfina arrebita e desconfina. Só falta uma musiquinha pimba para fazer um bailarico pandémico e perigoso. O número de contágios está a subir e o número de internados

também. No início do Estado de Emergência foi pior, mas a coisa, o bicho, chamem-lhe o que quiserem, parece andar a circular alegremente. Já vimos à exaustão que circula. Não pergunta a ninguém se pode entrar e infetar. O desconfinar arrembimba e desconfinar pode sair muito caro (e não estou a falar de euros). Haja tino em quem tem de ter tino, sendo que o tino não é uma obrigação exclusiva do cidadão comum. Não dá para andar aí a correr para a praia etc e tal quando as projeções já dizem que o pico em Lisboa vai chegar daqui a 3 a 4 semanas. Lembrem-se das imagens que todos vimos de Espanha e de Itália

[#MundoDePantanasgoucha](#)

[#EstadodeDesmergênciadia72](#)_Marcelo anda a fazer testes de 15 em 15 dias, o aumento de contágios desconfinou-se, sobe mas sobe mesmo e o número de internados já não aumentava tanto como hoje desde 7 de maio, há 22 dias. Se isto não são sinais de alerta não sei o que é que se entende por alertas. A junta de freguesia da minha área veio entregar máscaras laváveis às pessoas do prédio. São giras, tecidos com sardinhas e dos lenços dos namorados, acompanhadas de folhetos que recomendam evitar saídas não necessárias. Não sei se foram todas, mas muitas juntas de freguesia tiveram um papel extraordinário durante o estado de emergência, apoiaram idosos e pessoas com outras debilidades no transporte de bens alimentares e medicamentos e difundiram esse apoio de forma visível e acessível para ser requerido. Sei que isto aconteceu noutras partes da cidade e do país, verdadeiro trabalho de proximidade num momento tramado para todos mas em que a base do poder autárquico se esforçou por cumprir o seu papel. Calor não fez baixar o ruído da obra

[#MundoDePantanasgoucha](#)

[#EstadodeDesmergênciadia73](#) A radiografia é braço e mão, muitos dos que desejaram melhoras acharam que era um pé. Ia de ténis e patinei calçada torta e encerada. Está para durar. Dói. Obrigada pelos abraços

[#MundoDePantanasgoucha](#)

#EstadoDesmergenciadia74 Hoje é o dia em que senti na pele porque há tesouras para canhotos. E de dizer que este diário vai passar para o outro lado do mundo. A parte boa de dois ossos partidos foram os muitos telefonemas a dizer que me fazem as compras. Vieram da família, dos amigos do liceu e da faculdade, alguns que só vejo de tempos a tempos. E também dos colegas do jornal, mesmo de quem chegou há pouco. Ontem bem cedo uma voz que esta a 8 mil km de distancia disse 'o diário tem de continuar, grava que eu transcrevo'. Depois chegou mensagem da Pomba a dizer o mesmo, e outras. A caneta ou o teclado sempre foram donos da escrita, gravar e uma experiencia nova mas agora tem de ser. A Ana Dias voluntariou-se e a amizade que vem do mestrado firmou-se na escrita. Eu gravarei e ela publicará na minha cronologia por volta das nossas 10h da manhã que são 18h na terra onde está

[#MundoDePantanasgoucha](#)

#EstadodeDesmergenciadia75 Primeiro Mundo de Pantanas grafado do outro lado do mundo. Esta experiência de ditar não é para mim, vou na quarta ou quinta tentativa de ditar as palavras que normalmente saem dos dedos para o teclado do teclado para o ecrã antes era caneta, caneta para o papel, papel para os olhos, olhos para eco na cabeça, o som da escrita é mudo mas fala dentro de nós. Gosto de ler alto as palavras que escrevo, continuo a ler alto os textos que escrevo, o ritmo conta, porque a escrita é uma história, contada em palavras que falam sem som, domingo foi o dia em que a América pegou fogo, estado de alerta, de costa a costa, manifestações anti racistas que voaram contagiando a solidariedade do resto do mundo

[#MundoDePantanasgoucha](#)

#EstadodeDesmergenciadia76 Ontem o almoço soube-me pela vida, almocei fora pela primeira vez desde 10 de março, mais coisa menos coisa, estava sozinha no restaurante, um sítio simpático perto de casa onde me cortaram a comida, espetei com o garfo o que conseguia espetar com e comi a alface com a colher. Nem imaginam a linda figura, parecia uma criança de 2 anos ou menos a fazer asneiras com o prato. É o que se pode só com o braço esquerdo. E também passei o dia também a tratar de burocracia, liguei para o centro de saúde para saber o que era necessário para meter baixa, funcionou tudo maravilhosamente, 'pode mandar por e-mail, mas tem que enviar a alta médica do sítio onde foi assistida'. Na sexta-feira quando saí da urgência dum hospital privado conhecido, é óbvio que não me lembrei de tal coisa e eles também não me perguntaram se eu precisava da alta médica. Toca de ligar outra vez para o hospital, horas de espera, aquelas vozes gravadas, 'digite não sei quê, mais não sei quê, tecla isto, tecla aquilo', muito bom para quem só tem uma mão, ainda por cima a esquerda, depois tem de ir à app pedir, outra coisa fantástica, tem que ser tudo digital, depois há o Regulamento Geral de Proteção de Dados que os impede de enviar a dita nota de alta por e-mail... bem, para agilizar a história da tanta digitalização recorri à velha técnica de pedir a alguém que se conhece que trabalhe ligado a esse sítio que agilize a história e foi o que fiz. Telefonei para uma amiga que conheço desde os tempos de juventude, e que me lembrei que trabalhava naquele grupo de saúde e pedi, "olha, ajuda-me, que eu não estou a conseguir resolver isto de outra maneira". O diário hoje é breve, já contei muitas novidades, só fala do dia de ontem porque há jetlag para o outro lado do mundo onde a minha amiga Ana Dias faz o favor de o passar a escrito.

[#MundoDePantanasgoucha](#)

#EstadodeDesmergenciadia77 Este é o ano da Paciência sem cartas de jogar, paciência de aguentar resistir e suportar. No primeiro semestre de 2020 passei-me, confiei-me, aguentei-me, reinventei-me, trabalhei-me, chateeime e magoei-me. Lavei-me as mãos, desinfetei-me, confinei-me e assustei-me. Como diz a prima Catarina 2020 veio estragado

[#MundoDePantanasgoucha](#)

#EstadodeDesmergenciadia78 As mãos ajudam-se uma à outra, é por isso que são duas, depender de ajuda para gestos simples é coisa para a qual não estava preparada. Ano estúpido, não gosto de ti, antes protestava contra a sobre-embalagem por motivos ambientais agora porque constato que muitas exigem duas mãos, tudo feito ao contrário sem pensar em milhões de pessoas com condicionalismos constantes

[#MundoDePantanasgoucha](#)

#EstadodeDesmergenciadia79 Bacalhau com broa comido à colher, é o que se arranja com o braço direito confinado numa toca de gesso. Fui ao hospital para ser avaliada, se correr bem desconfino-me do gesso daqui a 6 semanas, se correr menos bem outro cenário cantará, dentro de dez dias devo saber. No Rio de Janeiro morreu vítima de Covid-19 o grande professor de Economia, Carlos Lessa, familiar dos meus amigos Célia e Renato Lessa. Um grande abraço solidário deste lado do Atlântico

[#MundoDePantanasgoucha](#)

#EstadodeDesmergenciadia80 Trabalhei com vista para a construção de um grande condomínio durante o grande confinamento. Até eu que não percebo nada de construção nem de medidas sanitárias intuí que estavam reunidas muitas condições para haver sarilhos. Nem tanto pelas horas de trabalho em que andavam de máscara apesar de quase de certeza não passarem a vida a lavar as mãos. Nessa altura estavam menos trabalhadores no ativo, mas estavam os mais frágeis a quem a prevenção soava difusa e que quase de certeza iam para a pausa da cerveja mal saíam do trabalho. E depois os transportes e depois os bairros com más condições. A conferência de imprensa e os números deste primeiro sábado de junho estão atrasados

[#MundoDePantanasgoucha](#)

#EstadodeDesmergenciadia81 Há muita gente que não usa as máscaras como deve de ser, tira põe e guarda á balda, bota a enfeitar o queixo, deixa o nariz ao léu, anda de máscara sem andar de máscara, já para não falar de uma série de cenas abstrusas que se veem por aí em tempos onde a falta de tino pode vir a ser endémica. Como a senhora de Fátima não safou os pastorinhos da Pneumónica duvido que vá atuar com a covid. O país pode estar a correr o risco de deitar os bons resultados ao lixo

[#MundoDePantanasgoucha](#)

#EstadodeDesmergenciadia82 Dia de pedir ajuda para tarefas tão simples como abrir frascos de soro fisiológico e gotas para os olhos coisas que exigem as duas mãos. E de fazer coisinhas para exercitar a esquerda como ser autónoma para tirar um café com cápsulas porque a minha velha e querida cafeteira italiana não é objeto para agora. Qualquer coisinha que antes levava 2 minutos pode levar 20 e deixar-me casa. Ligou-me um antigo colega que tem uma casa de gelados maravilhosos na Baixa, a Fragoletto, e que disse que agora não passa lá ninguém porque a Baixa está vazia. Lembrei-me das belas provas cegas de novos sabores que fazíamos no jornal e onde constatei que o paladar tem género porque mulheres e homens não votavam nos mesmos ‘condimentos’ para a lima ou o chocolate por exemplo. Recebi um vídeo lindíssimo dos 60 anos do amigo Henrique e fiquei a pensar que estaria bem a olhar para aquele mar dos Açores

[#MundoDePantanasgoucha](#)

#EstadodeDesmergenciadia83 Sai Centeno, entra Leão e o crocodilo do Douro parece que era lontra. Mais de 400 novos contágios confirmados ao dia de hoje mas tudo parece desconfinar em Lisboa como se nada fosse. Sabe muito bem receber telefonemas de antigos colegas do Expresso que nos últimos anos tiveram de mudar de vida. São pessoas com quem não passei a vida a almoçar e que oferecem préstimos e ajuda para o que for preciso. É bom!

[#MundoDePantanasgoucha](#)

#EstadodeDesmergenciadia84 Há nove anos houve uma grande festa na família. Este dia teve e ainda tem aniversários importantes mas já não se celebra o que para mim era o mais importante de todos. Lembramo-nos com saudade. O meu 10 de Junho sempre foi além do feriado oficial e do que ele assinala. A cerimónia nos Jerónimos foi a adequada neste momento. Gostei dos discursos. Houve menos barulho da obra porque trabalhou menos gente

[#MundoDePantanasgoucha](#)

#EstadodeDesmergenciadia85 A obra não deu feriado aos trabalhadores no 10 de Junho mas, em contrapartida, e vá lá a gente saber porque, está a cumprir o feriado desta quinta-feira, Corpo de Deus, coisa estranha num Estado laico. Depois do calor veio vento e frio, as embalagens vêm de tal forma fechadas que é uma epopeia quase impossível abri-las com uma mão, facto estúpido e pouco amigável. Recebi uma panqueca com gelado virtual de Macau para alimentar os olhos, a amiga escritora telefonou a falar do próximo livro para me animar com uma ficção baseada numa história real. Não fiz progressos com a mão esquerda

[#MundoDePantanasgoucha](#)

#EstadodeDesmergenciadia86 Soube hoje que no exato sítio onde patinei na calçada e parti o braço pelo menos mais 2 pessoas ali partiram pedaços

do corpo nos últimos anos, conversa de um vizinho que me perguntou se tinha sido em frente do armazém do antiquário porque ali partiu um pé. Calçada estropiadora ao lado da rua onde por acaso vive um vereador da autarquia. Bastava endireitar o passeio e mudar as pedras mais do que polidas, tanto dinheiro que gastam em cenas de utilidade duvidosa e Lisboa está cheia de passeios ratoeiras

[#MundoDePantanasgoucha](#)

#EstadodeDesmergenciadia87 Já há pistas sobre o ataque ignorante, violento e preconceituoso a estátua do Padre António Vieira. Não gosto disto como não gosto de posições irracionais e de crença sobre o que quer que seja, incluindo a maldita Calçada Portuguesa

[#MundoDePantanasgoucha](#)

#EstadodeDesmergenciadia88 Dei parabéns a uma amiga que trabalha num dos 2 grandes hospitais da capital. Diz que está toda a gente exausta e que em muitos dias tem de andar o tempo todo com a mesma máscara. No entanto, uma parente que tem de ser operada de urgência neste local conta que tem sido tratada com muito cuidado o que mostra que o esforço é todo dos profissionais de saúde e quase só deles.

Instintivamente vamos criando simpatias e antipatias por representantes nacionais e internacionais das autoridades de saúde, creio que quase todos já temos uns que apreciamos e outros que achamos que tem feito um trabalho que devia ser melhor. Hoje dormi até mais tarde, o batuque da obra não me acordou. Soube que uma colega de jornal deu conta de um pé durante as férias, já somos 3 lesionadas, parece andanço

#MundodePantanasgoucha

#EstadodeDesmergenciadia89 O Facebook trouxe-me uma amiga de quem tinha perdido o rasto depois do 25 de Abril, quando mudei de liceu. Foi a

grande companhia desses anos e passei muito tempo de férias na rua onde ela morava, uma artéria tranquila do bairro onde cresci. Mudei de liceu porque com a democracia vieram os liceus mistos e fomos misturados administrativamente. Fiz os primeiros anos no D. Leonor de bata azul-cinza, e houve uma época em que nos mediam a altura das batas para combater a minissaia que fazia furor. Levámos uma repreensão da reitora por jogarmos pingue pong na secretária da professora na sala de aula e fumar era crime de lesa majestade. No ano em que entrei houve um protesto organizado pelas mais velhas e que atirou para o chão uns quadros espalhados pelos corredores com ditos da Mocidade Portuguesa. Passe boa parte da tarde de ontem ao telefone com esta amiga que há uns anos tinha procurado nesta rede mas não vi ninguém que me parecesse. Até que agora recebi uma mensagem 'não sei se te lembras de mim...', claro que lembrava e pensava nela sempre que passava a porta do prédio onde morava nesse tempo. Teve uma vida dura, tramada, mas está pacificada. Foi um bom achamento do confinamento

#MundodePantanasgoucha

#EstadodeDesmergenciadia90 Noventa dias até assusta é coisa de respeito dá que pensar no tempo que já passou neste tempo de alerta em tensão e 'anormalidade' pura, as pelicas são precisas porque ainda poderia algum leitor que distorce sentidos ler aqui algum insulto ao vírus e armar-se em defensor do mesmo. Morreu a mãe de uma amiga e colega, nestes dias constatamos que não está nada tudo bem nem vai ficar tudo bem. Ficaré um dia mas antes disso perderemos muitos rituais, vidas, empregos, ainda ontem a noite fiquei a saber que fechou para sempre a Adega da Bairrada um daqueles restaurantes de Lisboa de comida honesta e saborosa que era uma verdadeira instituição do bairro de Alvalade, tentaram o take-away mas não é a vender 10 almoços por dia durante 3 meses que se aguenta uma porta aberta, como este vai haver muitos, ainda aqui mais na minha zona um restaurante mais beto e sei lá, para estrangeiros dispostos a pagar, colocou uma esplanada no largo da igreja

que fica do outro lado do cruzamento, a igreja é simples foi reconstruída há perto de cem anos depois de ter sido destruída pelo fogo

[#MundoDePantanasgoucha](#)

#EstadodeDesmergenciadia91 Sei exatamente em que local da estrada estava quando ouvi a TSF dizer no noticiário da meia-noite de 17, ou 0h00 de 18, que o fogo em Pedrogão já tinha feito 19 vítimas, um horror que aumentaria no dia seguinte e se multiplicou em outubro desse trágico ano de 2017. Três anos depois estamos noutra imbróglio que pode ser trágico: o verão promete ser quente e a pandemia está à beira de se descontrolar, entre aviões carregados de pessoas que aterram em Faro e portugueses cretinos e mal intencionados que expõem toda a comunidade com a organização de uma festa ilegal para 100 pessoas que já mandou uns quantos para os cuidados intensivos, obrigou a fechar restaurantes e um supermercado, sem necessidade nenhuma, apenas um mau comportamento de quem estava avisado e mesmo assim lá foi e, sobretudo, de quem organizou. Há 25 anos, num mundo saudavelmente não pandémico, estava em Leiria num casamento que ainda resiste feliz. Os noivos de então deveriam estar hoje na bela Florença onde passaram a lua-de-mel. Se tudo correr bem irão depois de passar o pesadelo pandémico, Florença manterá intacto o seu esplendor, sempre que falo desta cidade lembro-me da Paola que tal como os primos que adiaram a viagem faz e fazem parte da minha família de afetos

[#MundoDePantanasgoucha](#)

#EstadodeDesmergenciadia92 Isto não está bonito de se ver, o número de infetados testados não para de aumentar, a Dinamarca e Grécia vão abrir fronteiras a quase todos os países europeus mas não deixarão entrar portugueses não venham com conversas de encanar a perna à rã como se

fossemos todos camelos, não sei se ainda posso usar estas expressões ou se já estão na lista das politicamente vetadas, e nem quero pensar nessa ideia estapafúrdia de Lisboa acolher a tal taça de futebol em Agosto. Pela saúde de todos nós olhem para os números e caiam na real

[#MundoDePantanasgoucha](#)

#EstadodeDesmergenciadia93 Estou para ver qual vai ser a sanção/multa aplicada ao organizador da festa ilegal em Lagos que até agora já fez perto de 80 contágios confirmados, pos em perigo o equilíbrio sanitário da comunidade, o bem-estar de muitos incluindo os profissionais de saúde que estão a tratar gente que se expos de forma irresponsável, claro que há uns meses atrás também houve contágios em festas mas a grande diferença é que nessa altura não existiam os alertas que existem agora. Aquelas criaturas irresponsáveis mexeram com a saúde de todos e uma série de pequenos negócios locais. Falei agora com uma velha amiga que mora em Lagos e diz que conhece imensos infetados, e que já fecharam montes de restaurantes incluindo o do marido dela. Claro que o anúncio escanifobético da Champions não ajuda ao confinamento do tino de certa gente. Mas 'no passa nada' se passarmos um ano sem celebrar aniversários ou dar mergulhos. O batuque constante e ensurdecador da obra ao lado fez-me apreciar o vazio cheio do silêncio. Quando se calam nem a música mantenho ligada. Não fiz progressos com a esquerda, não falo de político, falo de mãos, o dia de ontem foi atarefado, um dos meus apoios centrais está de canadianas porque lesionou um joelho, uma das casas da família do coração onde fui muito feliz na infância e juventude foi vendida e a boa notícia desse ontem 18 de junho foi o anúncio do meu ex-colega Paulo ter sido avo depois de muita coisa adversa que passou

[#MundoDePantanasgoucha](#)

#EstadodeDesmergenciadia94 Conheci a Alexandra Lima, irmã do Pedro Lima, pouco depois de ter entrado para o Expresso, na velha casa da Duque de Palmela, quando ela por lá passou num daqueles empregos de

juventude. A Xana já tinha tido uma perda irreparável há uns anos e agora este abalo terrível. Não há palavras que lhe sirvam de consolo a ela e a Mãe, nem a ninguém da família. Graças ao entusiasmo das autoridades o país está a ficar uma desgraça. Tivessem posto os olhos no exemplo espanhol que desconfinaram por fases e regiões e outro cenário teríamos. Mas não, teimaram que tinham a situação de Lisboa controlada quando imensos médicos dizem estar fora de controlo e eu acredito mais em profissionais de saúde do que em pessoas cujo contentamento com a vinda da Champions sou INCAPAZ de entender até porque os focos multiplicam-se pelo país graças a um desconfinamento apressado, idiota e irresponsável cheio de mensagens e sinais contraditórios de quem tinha obrigação de dar mensagens claras que protegessem a saúde da população

[#MundoDePantanasgoucha](#)

#EstadodeDesmergenciadia95 Desconfinar NÃO significa andar por aí a abrir como se estivesse tudo normal porque estamos a viver um ano pandémico e um verão pandémico onde a principal tarefa de todos nós é aguentar, proteger-nos porque ao protegermo-nos a nós defendemos os que estão próximos e Toda a comunidade. Desconfinar significa apenas fazer mais algumas coisinhas em segurança e não andar por aí como andámos até março deste ano, se a OMS tivesse dado o alerta no fim de janeiro teria morrido menos gente na Europa e no Mundo. Claro que a mensagem do desconfinar teve emissores e recetores e cá não foi suficientemente clara e direta para chegar ao recetor de forma eficaz como a realidade mostra. Ontem, ao fim do dia, e porque passo muito tempo ao telefone, ouvi coisas de amigos adultos que me deixam atónita. As pessoas estão com dificuldade em lidar com planos gorados de casamentos, férias, celebrações de décadas de aniversários, arranjam voltas e voltinhas para complicar e esquecem-se que há quem se exponha todos os dias para tratar da nossa saúde e alimentação, e que há muita gente que perdeu o emprego. Desconfinar significa cuidar. Tentem viver este ano sem fazerem planos e protejam-se

[#MundoDePantanasgoucha](#)

#EstadodeDesmergenciadia96 Hoje é o dia em que uma amiga da faculdade fez o último tratamento de um ciclo longo de radioterapia e em que a amiga que vive do outro lado do mundo e passou a escrito este diário nesta fase de braço direito confinado devia estar cá porque muda de década. Hoje é também o dia em que o PM depois de reunir com os peritos impos novas restrições em várias zonas da área metropolitana de Lisboa para tentar conter o aumento de infetados e em que se soube que 34% dos doentes internados em Santa Maria têm menos de 35 anos. Ligaram-me da praia que frequento há 4 décadas contando que está quase tudo fechado e que a bela pequena e antiga vila parece ter regressado a década de 80 do século passado

[#MundoDePantanasgoucha](#)

#EstadodeDesmergenciadia97 Calor e gesso são pouco compatíveis, o que está engessado incha mesmo com gelo e depois o gesso aperta e incomoda para chouchou. Tenho lido coisas abstrusas nas redes, escrito por criaturas estranhas que não conseguem perceber que é preciso respeitar uma família que está de luto e em choque. Estes arautos da opinião de buraco de fechadura são pouco gente. E o pior é que são mais do que seria desejável

[#MundoDePantanasgoucha](#)

#EstadodeDesmergenciadia98 Hoje soube de mais uma história de uma pessoa de classe média apanhada por uma reestruturação da empresa onde estava em tempos pré-pandémicos. A crise do coronavírus deu-lhe cabo dos trabalhos que ia fazendo e a vida vai mudar muito. A crise que aí vem vai trazer muita situação destas e outras bem piores. Tem de ser um

dia de cada vez, respirar fundo e boiar à tona de água. Na cabeça ou na vida vamos mudar todos e muito

[#MundoDePantanasgoucha](#)

#EstadodeDesmergenciadia99 Em miúda ria-me a bandeiras despregadas com as investigações da agente 99, protagonizada por Barbara Feldon, e do seu parceiro Olho Vivo na Série Get Smart que passava no único canal de televisão que existia e que obviamente era a preto e branco. Nunca sonhei que várias décadas mais tarde ligaria o número 99 a um tempo em que o mundo à volta não está para risotas nem gargalhadas. A caminho de uma consulta apanhei hoje o táxi mais bem protegido deste confinamento do braço confinado. Mário Centeno vai mesmo para o Banco de Portugal, faria hoje anos uma amiga de juventude que não aguentou viver e largou tudo há 2 anos. Fica em paz querida Marina

[#MundoDePantanasgoucha](#)

#EstadodeDesmergenciadia100 Hoje é o dia 189 de 2020 e o centésimo desde que entrou em vigor o Estado de Emergência pandémica e eu comecei a escrever este diário que passou a Desmergencia quando o alerta pandémico mudou de nome, mas continuou sentado no sofá imaginário dos nossos gestos quotidianos. À semelhança de uma visita indesejada o Coronavírus instalou-se nas nossas vidas, desarrumou-as, revirou-as, amedrontou-as, e não dá mostras de querer partir para uma galáxia de lava incandescente. A vida de todos divide-se oficialmente entre o antes e depois de 19 de março de 2020 e a minha em particular entre essa data e aquela em que a caçada portuguesa me espatifou o braço violentamente. Tenho dois antes e depois que marcam o primeiro semestre de um ano que ameaça ser um alerta de permanente sobressalto. O dia de hoje quase que foi marcado por um 'Olivença é nossa que um grande jornal espanhol deu uma notícia errada sobre Portugal' nesta prolixa e contraditória luta do sul da Europa pelo turismo

em tempos que quanto menos turistas existirem, melhor é para a saúde de todos nós porque as viagens fúteis são mais do que perigosas

[#MundoDePantanasgoucha](#)

#EstadodeDesmergênciadia101 Olha diário, não sei se é preguiça ou irritação com a manif. de hoje mas não me apetece escrever. Estou preocupada com os números de infetados na Grande Lisboa e não vejo medidas que cheguem. Ouço cada vez mais gente a achar que pode não conseguir escapar. Junho foi um mês de muita negligência no combate à pandemia e a culpa não é só dos cretinos irresponsáveis que fazem festas ilegais

[#MundoDePantanasgoucha](#)

#EstadodeDesmergênciadia102 Último domingo de Junho onde se deveria celebrar a noite de São Pedro, nos meus tempos de faculdade iríamos até ao Montijo, de cacilheiro, porque uma das minhas colegas de curso era de lá e havia arraial grande na terra, numa época em que era tudo muito normal sem nenhuma pandemia no mundo que nos faz recolher e ficar em casa, defendendo a nossa saúde e a dos outros

[#MundoDePantanasgoucha](#)

#EstadodeDesmergênciadia103 Vi dois tuk-tuk na rua central do bairro quando fui à parafarmácia, já nem me lembrava que existiam porque sumiram nestes meses de confinamento, olhando para as janelas dá para perceber que alguns alojamentos locais estão ocupados e na breve saída cruzei-me com 4 turistas, 2 +2, todos com ar de Europa mais para norte, que andavam burramente desconfinados sem máscara. A obra está a preparar - se para pintar o focinho, ou seja as fachadas que dão para as duas ruas, mas ainda está tudo para fazer dentro dos 4 prédios

[#MundoDePantanasgoucha](#)

#EstadodeDesmergênciadia104 Impacto do teletrabalho e da crise pandémica no jornalismo foi o tema de um debate via zoom a que assisti esta manhã. Interessante e importante, foram apresentados resultados de um inquérito que mostra que este tempo de confinamento pandémico veio agravar muitos problemas como a precariedade e os baixos salários que muitos jornalistas enfrentam. O teletrabalho hierarquizou as relações laborais e o debate com todos os pares de uma redação é fundamental como disse a diretora da Lusa, Luísa Meireles. Muito mais foi dito e sobretudo foi um momento de reflexão sobre estes estranhos tempos em que uma profissão que vive da rua se confinou para escrever, falar ou levar imagens a um público que também estava e está confinado, como bem lembrou o Jorge Wemans. Trabalhamos todos muito mais, mas não significa que tenhamos trabalhado melhor - e este é o ponto de consenso geral

[#MundoDePantanasgoucha](#)

#EstadodeDesmergênciadia105 Fui fantásticamente atendida ao telefone no Centro de Saúde, depois de ontem e hoje ter passado muito tempo a tentar ligar. As tentativas valeram a pena, a funcionária que atendeu é o tipo de pessoa que está lá para resolver problemas e, efetivamente, resolveu acima das minhas expectativas. Fez-me uma prédica em defesa do SNS e eu respondi que há muito que conheço a importância do mesmo. Depois de localizar o meu processo que não apareceu pelo número de utente mas por outro elemento de identificação ainda se riu porque se chama Maria Manuela e tem por apelido um dos que eu tenho e não uso. Conto isto porque os Centros de Saúde e as USF são a primeira linha de acolhimento de utentes e têm feito um esforço enorme em tempo de pandemia. Arranjei consulta apesar de não ter médico de família desde que a minha passou à reforma. E, coincidência, a que me vai atender tem o mesmo nome próprio da que me acompanhou mais de 20 anos. Há muitos dias que não fazia progressos com a mão esquerda mas hoje fiz uma nova habilidade ☺ O que já não dá para sorrir é o facto de haver cerca de 100 pessoas com Covid-19 por dia na Grande Lisboa que desaparecem do radar de controlo porque dão moradas falsas

[#MundoDePantanasgoucha](#)

#EstadodeDesmergênciadia106 Faz hoje 1 ano que a demolição do prédio ao lado partiu a parede do meu quarto, eu apanhei um susto imenso e o meu pequeno mundo ficou de pantanas. Eram pouco mais de 9h30m da manhã quando um robot de quase 800 quilos, mal manobrado, fez o serviço. Do lado de lá o interlocutor é uma empresa com nome no sector, diz que repara e que as demolições têm riscos. Se têm não deviam ter porque quem mora em prédios contíguos não devia ter de passar por estas agressões já que uma casa estragada não é um para-choques partido. Percebi também que estas coisas são mais frequentes do que deviam ser. Há uns meses já fizeram mais uns estragos na mesma divisão. Nos dias que se seguiram ao buraco tremia ao menor ruído. Foi um verão difícil já para não falar no barulho e pó constantes que atazanam a vizinhança num raio alargado. 366 dias passados sobre essa terça feira, 2020 é bissexto, a obra continua e nunca parou embora a dado passo do EE tenha tido menos operários a trabalhar. O que eu nunca poderia adivinhar há 366 dias atrás era que Lisboa, o país e o mundo estariam agora a lidar com uma terrível crise sanitária, social e económica

[#MundoDePantanasgoucha](#)

#EstadodeDesmergênciadia107 Acabo de receber um telefonema que me deixou muito contente da minha colega de jornal que deu uma queda com consequências graves um dia depois de eu ter partido o braço. A cachopa tem um longo caminho de recuperação pela frente mas a nitidez da sua voz é um bom sinal. Maravilhosamente tratada no hospital de São José pelo SNS. Garanto que não organizamos nenhum concurso a ver quem se espatifava mais por esses dias ...

[#MundoDePantanasgoucha](#)

#EstadodeDesmergênciadia108 Acordei à boca do alvorecer com um qualquer barulho, talvez de um bando de gaivotas enlouquecidas que voaram até aqui grasnando muito. Nunca tinha visto nada assim já que vivo suficientemente longe do rio para não chegarem em bando. Quem sabe se as gaivotas tresmalharam com medo dos números da pandemia na região da Grande Lisboa. Não há como não estarmos preocupados com o que está a acontecer desde Maio

[#MundoDePantanasgoucha](#)

#EstadodeDesmergênciadia109 OH gente que fala da prevenção da Covid-19, não é mais fácil prático e eficaz dizerem 'Lavem as Mãos, Limpem as Superfícies e puxadores, usem álcool, Não tussam, espirrem ou falem para cima dos outros, mantenham-se afastados, não dêem beijos e apertos de mão' etc, em vez de persistirem em usar expressões como 'higienização das mãos', distanciamento social, etiqueta respiratória e vai daí. Confesso que cada vez que ouço dizer 'etiqueta respiratória' só me saem balões da cabeça a imaginar uma mesa com 5 copos e 10 talheres por pessoa, enquanto a 'higienização das mãos' me lembra os vídeos com malta a açambarcar papel higiénico e, 'franchement', um certo novo-riquismo na escolha do palavreado. Descompliquem

[#MundoDePantanasgoucha](#)

#EstadodeDesmergênciadia110 A agenda lembra-me que hoje era o meu primeiro dia de férias se não tivesse espatifado o braço na torta e esburacada calçada portuguesa. Honestamente, não tinha qualquer ideia do que iria fazer neste verão pandémico em que há um dever cívico de recolhimento. À conversa telefónica com a minha mais antiga amiga que vem dos tempos em que mal sabíamos caminhar concluímos que há um olhar geracional no modo como se sente a pandemia. Claro que a Covid-19 não escolhe idades mas a forma como cada geração vive o tempo é diferente e estas alterações que nos fazem lidar com um quotidiano anormal afetam todos, sejam novos velhos ou estejam na chamada meia-idade que é uma espécie de saco de gatos. O que muda é o impacto na forma como afeta e vai marcar em termos subjetivos, já que em termos objetivos atinge mais os mesmos de sempre, ou seja a população mais vulnerável. Dia 6 de julho seria o primeiro dia de praia se a vida corresse como a imaginei em Fevereiro. Em vez disso é mais um dia de braço engessado, novos confinamentos em Espanha, e surtos que fecham escolas em Portugal enquanto se comenta a peregrina ideia de transformar ou a TAP num elefante branco que todos vamos pagar. Ah, e tiro o chapéu ao Fernando Alves pela sua crónica de hoje na TSF a propósito da morte do Mário Coelho. Tal como ele não gosto de touradas mas aprecio e respeito quem desalinha do confinamento mental do monoteísmo politicamente correto

[#MundoDePantanasgoucha](#)

#EstadodeDesmergênciadia111 Na jornada da décima capicua deste Diário grata visita com almoço de uma amiga colega de jornal e de curso na FCSH que não via desde que nos confinam os em teletrabalho. Depois de comer fomos à parafarmácia mais próxima, ela comprar máscaras recicláveis, eu vitaminas e, quando olho para o ecrã, leio que Jair Messias Bolsonaro testou positivo para o coronavírus. O tempo dirá se é só uma 'gripezinha' como ele próprio previu, ou se passa as passinhas do Algarve como passou Boris Johnson

[#MundoDePantanasgoucha](#)

#EstadodeDesmergênciadia112 Na voltinha higiénica do dia para não desaperder de caminhar na rua deparo-me com meia dúzia de turistas a olhar para a fechadura da porta de madeira de um prédio recuperado com ar de investigação. Parei para tentar perceber que raio de cena era aquela e, à distância, deu para ver que estavam a tentar abrir a porta com uma chave que nunca usamos em portas de prédio, sobretudo quando são de madeira antiga. Perguntei no meu mais audível inglês por detrás da máscara se estavam no número certo porque achava que aquele era um dos poucos prédios da minha rua sem Alojamento Local. Em coro responderam 'Quoi', disse-lhes para experimentarem a outra 'clé' e quase que me permito concluir que meia dúzia de franceses entre os 30 e 40 anos não teve inteligência prática para se lembrar disso, além de continuarem a não querer falar inglês

[#MundoDePantanasgoucha](#)

#EstadodeDesmergênciadia113 Enquanto jornalista tenho escrito sobre o Estado Novo e a resistência à ditadura (não tanto como gostaria mas os jornais não são mono temáticos e precisam de atualidade). Conheço o trabalho feito no Museu do Aljube e a sua importância e, por isso mesmo, fui consultar a nota biográfica da Rita Rato no site da A. R.. É licenciada em Relações Internacionais da FCSH da Universidade Nova de Lisboa e foi

deputada do PCP a partir de 2009. Perante esta informação é mais do que saudável que se questione a sua escolha para o Museu. Que eu saiba a formação em Museologia dá hoje muitos instrumentos de investigação e trabalho e essa informação não consta do seu currículo público.

Questionar é legítimo em qualquer democracia, faz parte da sua essência, e foi (também) pelo direito à liberdade de pensamento e expressão que muitas mulheres e homens deste país lutaram contra a ditadura do Estado Novo, e muitos deles passaram pela cadeia do Aljube, incluindo muitos do PCP, mas não só como se sabe

[#MundoDePantanasgoucha](#)

#EstadodeDesmergênciadia114 Eu sei que me amas querido Gesso mas eu estou literalmente farta de ti. Já passei de furiosa a danada depois de ontem ter recebido um telefonema do hospital onde tinha agendada uma consulta de ortopedia a esta hora, com a feliz hipótese de retirar o gesso. A consulta foi adiada para segunda- feira e se não tivesse rosnado nem davam conta que também existia uma marcação de Raio X. A falha é administrativa até porque vim a saber que a médica já tinha dito para avisarem os doentes há uma semana. Não era certo livrar-me deste gesso mas tinha esperança que fosse hoje. Não é!

Para me acalmar de tudo o que li e ouvi no dia de ontem pus-me a pensar que conheço pessoas com o apelido Coelho, Lobo, Leão, Lagarto, Pinto, Rato (estes Rato são primos), Pato, Pombo mas não conheço ninguém que se chame gato, cão embora tenha existido o Diogo Cão, raposa, galinha etc

[#MundoDePantanasgoucha](#)

#EstadodeDesmergênciadia115 O filho da minha prima Luísa voltou dos antípodas. O rapaz tem um curso de hotelaria e, há um ano ou coisa assim, foi trabalhar para a Nova Zelândia e correu tudo às mil maravilhas. Veio a pandemia, os hotéis fecharam e o país cerrou fronteiras. O moço decidiu viajar por lá a ver o que acontecia mas, à medida que o tempo foi passando e não surgiam hipóteses de trabalho, o regresso a casa tornou-se imperativo. A viagem foi longa e a Luísa está muito mais descansada porque nenhuma mãe gosta de ter um filho do outro lado do mundo no meio de uma crise destas. Tudo isto para dizer que esta viagem foi mesmo

necessária, mas que é insensato viajar por capricho no meio de uma pandemia. Já sei que vão dizer que o turismo é importante mas evitar o contágio é mais importante. Há poucos operários na obra neste sábado de torreira

[#MundoDePantanasgoucha](#)

#EstadodeDesmergênciadia116 Morreu um bombeiro no incêndio da Serra da Lousã e um outro está ferido com gravidade. No início da semana, notícias deram conta de atrasos na transferência de verbas para os bombeiros numa altura em que só por milagre é que não existem grandes fogos mas, infelizmente, 2020 não é um ano de milagres. Ontem, como todos os sábados, vi as notícias das 20h na RTP 1 porque uma pessoa da família gosta daquele noticiário, e ouvi o epidemiologista Silva Graça dizer preto no branco que o número de infeções semanais devia ser muito mais baixo do que está a ser. Eram essas as previsões e deveria ser assim para dar espaço aos profissionais de saúde para se prepararem para o inverno e recuperarem do enorme esforço que têm feito. Entretanto, quase 4 meses após a declaração de Estado de Emergência a DGS emitiu (finalmente) normas para o sector da construção civil que nunca parou. Era bom que as pessoas se lembrassem que o país devia ter melhores números epidemiológicos e que as máscaras protegem mesmo que façam cócegas. Não há barulho da obra e por este motivo domingo é agora o único dia em que sabe bem-estar em casa. Ah, fiz uma nova habilidade, acendi o bico do fogão

[#MundoDePantanasgoucha](#)

#EstadodeDesmergênciadia117 Calor de ananases, todos a torcer para que os incêndios não se desconfinem, o dia vai ser cheio com idas a dois hospitais primeiro para acompanhar pessoa próxima, depois para ver se vejo o meu braço sem gesso que já tenho muitas saudades dele, mas a cabeça está com uma amiga que ainda é prima e vai fazer hoje um exame complicado numa situação em que andar depressa vai fazer toda a diferença. O barulho da mega-obra começou uns minutos antes das 8h e ainda fica mais irritante com o calor. Bebam água e usem máscara

[#MundoDePantanasgoucha](#)

#EstadodeDesmergênciadia118 A mão vai cair pensei eu quando me livrei do gesso e olhei para ela torta, a querer soltar-se do braço enquanto largava pedaços de pele como uma cobra em plena muda. Quando cheguei a casa o prazer de lavar tudo em água corrente com sabão. Depois cumpri as instruções da médica e untei braço e mão com creme Nivea da lata azul. Aboborou 1 hora antes do banho quente que soltou boa parte da velha pele. Hoje, 14 de Julho, dia em que França celebra um marco da sua história eu olho embevecida para o meu bracinho que ainda está feio mas vai ficar lindo com a fisioterapia. Agora é para doer, aviso da ortopedista : "Se não doer não recupera movimento". Paciência, que este é o ano dela. Foram 44 dias de engessamento, do 73 até ontem dia 117 da era que começou com a declaração do estado de emergência. Um alívio deixar de ver as ligaduras que foram sempre as mesmas e que muitos frenicoques me deram a proteger em tempo de pandemia

[#MundoDePantanasgoucha](#)

#EstadodeDesmergênciadia119 Hoje é um dia de agradecer às inúmeras pessoas que aqui me desejaram as melhoras e aos amigos e colegas das várias etapas da minha vida que prontamente telefonaram ou mandaram mensagens disponibilizando-se para me encherem a dispensa e o frigorífico, incluindo os amiguinhos do Expresso apesar do ritmo ciclópico de trabalho em que andam. Até estava a pensar perguntar se as ofertas não concretizadas se mantêm válidas por uns meses ☹. Dito isto um obrigada mais e muito especial aos meus primos Eva e Gonçalo que prontamente me quiseram instalar na sua casa que já tem três crianças e um cão, e à minha prima Maria que também me queria em casa dela a comer os maravilhosos biscoitos que faz. Às vizinhas Ana, Isabel e Teresa que insistentemente ofereceram ajuda, bem como ao Nuno que vivendo perto queria passear a Lola enquanto me fazia compras. À Ana Paula e à Sofia que logo insistiram para manter o Diário e se ofereceram para o passar a escrito acrescento que me ajudou escrever todos os dias. Last but not the least a Filipa, Betinha e Manela, que assumiram tarefas que é mais fácil pedir às amigas de uma longa vida. À prima Luísa e ao meu irmão que arcou com a quota parte das minhas tarefas familiares.

Um obrigada especial ao meu primo João Paulo que me quis a ser acompanhada por uma colega especialista nestas fraturas e me aturou as crises de refluxo e ansiedade. Como diz a minha vizinha Isabel muitas vezes, eu repito em português, 'a vida é boa'

[#MundoDePantanasgoucha](#)

#EstadodeDesmergênciadia120 Acordei a pensar no Dr. Andrade, um senhor que tinha 89 anos e morava há 57 na casa que teve de deixar em Novembro de 2018. Era muito ágil e leve, tinha um andar saltitante parecendo que pulava como um bailarino. Foi o primeiro habitante do prédio cuja demolição me fez um buraco na parede de casa, veio para aqui em 1963 quando o prédio foi construído. Lembro-me muitas vezes dele e da mulher, e da D. Olga que deixou para trás mais de 20 vasos de plantas e flores como a Alice já o havia feito. Um ano e meio depois de terem tido que deixar as casas que tinham estreado 57 anos antes e onde pensavam acabar a vida, os prédios construídos depois da demolição voltaram a ter andaimes. Tudo indica que vão acabar por fora antes de acabarem por dentro. Coisas que aconteceram neste país depois de uma seguradora que foi vendida ter resolvido alienar todo o património imobiliário, ignorando a função social do mesmo. A vitória do FCP ontem à noite deu um imenso buzião em Lisboa. No Porto, pelo que me contaram os festejos poderão dar sarilhos pandémicos

[#MundoDePantanasgoucha](#)

#EstadodeDesmergênciadia121 A canícula acordou-me ao romper da aurora. Naqueles vícios empedernidos que nem a baixa do braço partido e recuperação foi capaz de afrouxar, abri o email do jornal e fiquei a saber que boa parte dos trabalhadores de limpeza da Universidade de Oxford são timorenses. Ao ler este relato e outras coisas contadas por quem me escreveu, fiquei contente de ter sido acordada pelo calor. Horas mais tarde, talvez tivesse deixado passar essa mensagem por o meu presente estado civil ser Convalescente ☹️. O assunto referia 'Oxford'. A mensagem contava que os Cleaners timorenses se sentem desenraizados e muitas vezes discriminados. Falava do silêncio e do isolamento que sente quem vive há duas décadas num país que escolheu não fazer parte do sonho europeu. Foi escrita por uma amiga que hoje é professora associada de

Neurologia em Oxford, de quem não sabia nada desde os meus 20 anos. Contava que depois do isolamento inicial que o trabalho de investigação exige ainda hoje mantém uma placa à porta do gabinete onde está escrito 'Silent'. Dizia que se lembrou de mim, quem sabe se pelos mesmos motivos por que gosta de ouvir as histórias dos cleaners timorenses na nossa língua comum. Este email vindo de um país onde muitos optaram por dizer Não a Europa chegou em dia de Conselho Europeu. Vamos ver se os líderes europeus se lembram que há um PM de um país do Sul que faz hoje anos

[#MundoDePantanasgoucha](#)

#EstadodeDesmergênciadia122 Berbicacho foi a palavra usada pela fisioterapeuta no meu segundo tratamento. Sovaram-me de tal forma a mão e o pulso que fiquei de gatas, bem avisou a ortopedista que isto ia doer. Hoje de manhã transformei um alguidar em piscina de água morna com sal como me mandaram. Por sorte tinha em casa o sal marinho integral de que tanto fala a minha amiga Isabel V., embora eu ache que o sal-gema de Rio Maior deva ter grandes propriedades terapêuticas. Na minha infância as idas às salinas faziam parte das visitas a Rio Maior e o meu Avô explicava-nos que como estávamos longe do mar aquela água vinha de poços. Se o pulso ficar a assinalar as mudanças de tempo é desta que irei experimentar a cura das águas sulfurosas de São Pedro do Sul onde, reza a história, Afonso Henriques tratou uma perna partida em combate. O calor de ananases continua e a teimosia de usar máscaras no queixo ou com o nariz de fora também

[#MundoDePantanasgoucha](#)

#EstadodeDesmergênciadia123 Faz hoje 4 meses que foi decretado o Estado de Emergência e eu comecei a escrever este diário. Podia falar sobre a ausência do barulho da obra que acompanhou este registo mas, infelizmente, a manhã deste domingo lembrou-me por várias vias que a pandemia fez descuidar outros cuidados de saúde. Não me refiro às andanças da minha fratura que é chata e demora mas não é grave. Uma amiga a quem há precisamente 2 anos um dermatologista que foi meu colega de liceu diagnosticou, por mero acaso, um cancro de mama,

quando lhe tirou um quisto da axila que julgava ser sebáceo ligou a contar que precisa de ser vista com urgência porque apareceram uns nódulos. Este tumor teve a enganadora característica de todos os exames à mama estarem limpos mas haver metástases na axila. Uma outra pessoa a quem estou ligada por vários laços e de quem um feliz acaso nos aproximou nos últimos anos vai ser operada amanhã. Deve a celeridade inicial do diagnóstico e exames ao bom funcionamento da Linha Saúde 24 que percebeu os sintomas que tinham sido totalmente negligenciados na Urgência onde foi durante o Estado de Emergência. Para o diário de hoje não referir só coisas tristes saúdo os 82 anos do António Bica, homem de letras e liberdade, advogado e antifascista que faz parte da grande `tribo' da Casa do Cimo. Muito atento e interessado nas questões agrícolas foi secretário de Estado da Estruturação Agrária num ministério tutelado por António Lopes Cardoso. Sempre ouvi o meu Pai, que como jurista muito pensou e escreveu sobre estes temas, falar na ação do nosso querido Bica em defesa dos Baldios. E devo a Ana Sousa Dias ter-me recordado há uns anos a rubrica 'consultório jurídico' que o meu Pai assinou durante anos na revista Vida Rural que pertencia ao Diário de Notícias em tempos idos [#MundoDePantanasgoucha](#)

#EstadodeDesmergênciadia124 A última que vi foi a Máscara a servir de penso para a dor de cotovelo, casal de turistas bem sexagenários em que ele deve ter sido louro e ela continua loura mas muito 'criativa' no que toca a zonas do corpo que cobre com a máscara que devia usar na cara. Não fui ao aeroporto nem aos pastéis de Belém, basta-me andar na minha rua para avistar estes quadros mimosos. Não sei de onde são mas pelo ar branco e louro talvez venham dos países que por qualquer tique começaram a ser designados por Frugais. Basta ir ao Priberam para ver que frugal não significa chatear os outros, ser sovina, não solidário e não respeitar o princípio da subsidiariedade tão vital para o Projeto Europeu, significando apenas contenção alimentar e de outras práticas de vida que não seja escrava do consumo. O longo e esgrimido Conselho Europeu continua esta tarde e já se sabe que a tranche a fundo perdido mingou para 390 mil milhões. É mais uma vez uma pena que os tais senhores que representam os países lá de cima teimem em aceitar que a crise provocada pela pandemia vai ser a maior de que os vivos têm memória e toca a todos

[#MundoDePantanasgoucha](#)

#EstadodeDesmergênciadia125 Gatafunhos são a única coisa que sai quando tento escrever o meu nome à mão. Estive 2 dias a treinar com a direita e nada. Com a esquerda já tinha tentado várias vezes e saem garatujas. A Segurança Social enviou um formulário para descrever o acidente e devolver. Foi preenchido por outra pessoa mas quis assinar e, záspastraz, saíram gatafunhos. Cheira-me que vou ter de procurar cadernos de duas linhas para reaprender a escrever, uma tristeza, a segunda maior depois de uma outra coisa em que precisei de ajuda enquanto tive o gesso. No caminho para a fisioterapia subo as escadas que vão dar ao prédio de uma empresa que faz falta a todos e foi privatizada há uns anos. Depois de subir esse lance que dá acesso a uma galeria com portas para vários prédios, viro à esquerda, e passo mesmo à porta de um prédio que sempre vi de baixo. Ontem ia com tempo e deu-me para ler as placas que lá estão. Uma delas ostenta 'Premio Valmor 1970'. Foi preciso partir o braço para subir as escadas que vão dar à galeria de acesso àqueles prédios e ficar a saber que há um Premio Valmor na Av. Estados Unidos

[#MundoDePantanasgoucha](#)

#EstadodeDesmergênciadia126 Acordei virada do avesso e às 5h da manhã estava a dar banhos de água morna com sal ao braço tal era a ressaca da fisioterapia. Bem avisou a ortopedista que ia doer mas a parte da manipulação é quase sado-masochismo 🤔

Infelizmente os problemas de quem está doente nesta crise pandémica são muito maiores do que as minhas aventuras convalescentes. A amiga que ainda é prima já deixou os cuidados intensivos para onde foi depois da cirurgia mas a recuperação vai ser longa e nada fácil. Como acontece com todos os doentes que estão internados não pode ter visitas o que não ajuda o doente nem a família mais próxima. São tempos avaros de afetos e pequenos prazeres, sempre que olho para a janela de um rés-de-chão próximo onde uma velhinha muito velhinha passava os dias fizesse chuva, sol ou vento, sinto que falta ali um prazer. Sei que ela está dentro de casa

mas a pandemia roubou-lhe o grande direito de olhar o seu mundo exterior

[#MundoDePantanasgoucha](#)

#EstadodeDesmergênciadia127 A loja ao lado da farmácia mais próxima fechou. Para fechar definitivamente está também o primeiro sítio onde almocei quando me instalei neste bairro há perto de 30 anos. A tasca gourmet de petiscos transmontanos anunciou o fecho mal acabou o Estado de Emergência e o sítio de comida vegetariana que funciona no espaço onde em tempos existiu uma papelaria à moda antiga continua encerrado mas com os móveis lá dentro. Uns metros mais à frente, o restaurante de peixe que ostentava umas placas Michelin na entrada tem portas e janelas cobertas com papel pardo. Vi tudo isto quando fui ao correio do largo menos largo de Lisboa para registar o envio de uns papéis para a segurança social. No correio estava tudo a funcionar de acordo com as normas de segurança e pouca gente. Um brasileiro com ar de ser recém-chegado a Lisboa e look de tio perguntava no guichet ao lado se vendiam identificadores de Via Verde porque tinha acabado de comprar um carro. No regresso vim por outro lado e reparei em que há placas de 'vende-se' em vários andares que até há uns meses funcionavam como AL. Tudo isto num raio de 10 minutos a pé ao ritmo de quem não quer voltar a cair.

Neste dia em que todos falam de Amália gostei muito de ver a Joana Machado a guiar uma visita televisiva na Casa Museu Amália Rodrigues onde colabora enquanto prepara a tese. Acompanho o caminho da Joana desde miúda e ela sabe que torcemos para que tudo dê certo na vida dela. Voa Joana, voa

[#MundoDePantanasgoucha](#)

#EstadodeDesmergênciadia128 Em Barcelona as autoridades de saúde dizem que a próxima semana vai ser determinante para evitar um descontrolo da pandemia, porque houve um aumento significativo de casos e internamentos no último mês. Em Madrid discutem-se novas restrições nas esplanadas e o uso obrigatório de máscara na rua, apesar desta ser a região de Espanha que mais aderiu à mascarilha. Cá a malta prefere continuar com discussões esotéricas sobre o uso de máscara,

esquecendo que se aprende muito observando os outros. Põe-se um pé na rua e o que se vê são operários da construção civil a circular desconfiadíssimos sem máscara. Não são os únicos infelizmente.

Lembrem-se do ditado 'Mais vale prevenir do que remediar' enquanto ouvem (ou não) o debate sobre o estado da nação

[#MundoDePantanasgoucha](#)

#EstadodeDesmergênciadia129 Deu-me para atentar nas janelas dos vizinhos, sequela dos dias de confinamento, penso nos milhões muitos milhões que Bruxelas vai mandar para cá e vêm-me à cabeça balões com jipes do IFADAP. Reparo que há um lençol pendurado há mais de um mês numa corda que avisto de esguelha, para quem não sabe ou já não se lembra os jipes do IFADAP foram comprados por gente que 'desviou' os escudos dos Fundos Europeus para comprar carros que deviam ir para a agricultura mas, muitas vezes, serviram para passear na cidade onde não pastam ovelhas nem há hortas, temo por isso que o anúncio de tantos milhões a caminho inspire a má criatividade dos sacanas chicos espertos prontos para usar em proveito próprio o que vem para o país e bem de todos. Olho para o misterioso lençol que me intriga, está sempre pendurado a tapar a janela do vizinho de baixo enquanto o resto da roupa daquela corda vai mudando como deve mudar. Tudo isto se passa do lado contrario à grande obra que deita pó para todos os lados e onde infelizmente não tenho estendal, o mesmo é dizer que escusam de olhar cá para casa porque a malfadada obra obriga-me a secar a roupa dentro de portas. Se há roupa nova na corda do lençol significa que naquele apartamento não há ninguém congelado em estado de hibernação como cheguei a temer

[#MundoDePantanasgoucha](#)

#EstadodeDesmergênciadia130 Devia estar a escolher a roupa para o casamento, mirar e remirar o armário onde existem umas fatiotas que saem de lá em função dos meus 4 quilos a mais ou a menos, e do formalismo da festa ou cerimónia. Devia, mas não estou. Em vez disso leio em choque notícias sobre o assassínio bárbaro de Bruno Candé Marques, morto a tiro por um selvagem obcecado com a cor da pele do ator de 39 anos. Bruno tinha três filhos pequenos, mãe, família e uma vida pela

frente. Violência pura em plena luz do dia, à vista de todos, aqui ao nosso lado, violência em estado de barbárie selvagem potenciada pelo ódio, preconceito racial e excesso de armas em circulação. Se o selvagem não tivesse uma arma à mão não teria descarregado os tiros.

Volto a outros projetos que a pandemia mudou e ao armário. Em Fevereiro recebi uma 'ordem' por SMS: 'Reserva na agenda a sexta de Julho'. Dias depois foi-me dito que o João e a Joana iriam casar e que eu teria de estar presente desse lá para onde desse. Veio a pandemia e, em Maio, chegou um email com o desconvidamento, porque a cerimónia passaria para formato reduzido por força das circunstâncias. Eu não iria, tal como muitos amigos dos noivos vindos dos quatro cantos do mundo, conhecidos entre programas Erasmus e estágios aqui e ali. Há umas semanas voltei a ser instada a estar presente, mas a minha lua de convalescente não dá com festas nem enfeites, e quem anda a passear por hospitais como eu tenho andado só tem de manter o devido recato e respeitar o próximo com o distanciamento da praxe. Torço para que os noivos encontrem o seu caminho de partilha e cumplicidade, e para que façam uma segunda festa quando nos livrarmos da pandemia. Escrito isto não posso deixar de pensar no conflito que existe entre a máscara e o baton, chateia-me à brava não usar baton, e nos cabeleireiros e maquilhadoras que este verão têm muito pouco trabalho.

A obra tem parado mais cedo nos últimos sábados, domingo é o dia do silêncio maravilha, os operários sempre têm mais umas horas de descanso, a maioria são africanos e, na fase séria do confinamento, foram os únicos que continuaram a trabalhar

[#MundoDePantanasgoucha](#)

#EstadodeDesmergênciadia131 O fogo voa galgando estradas e rios, semeia terror entre montes e vales, medos, receios, temores e descuidos muitos descuidos no começo de tudo. Pelo que ontem ouvi às autoridades, boa parte dos incêndios que pôs o país em estado de alerta, começou com queimadas, desleixos e descuidos. Não consigo entender porque é que a pandemia atrasou a limpeza dos terrenos, tanto quanto sei a vida no campo manteve a sua rotina durante o confinamento. O certo é que vento, muito calor e muito mato já roubaram a vida de vários bombeiros, alguns muito jovens, enquanto os teimosos insistem em fazer queimadas e outras irresponsabilidades, não aprendendo nada de uns

anos para os outros. 2020 é um verão quente, propício à voragem do fogo que come tudo à sua frente, como se já não nos bastasse o coronavírus para criar sobressaltos coletivos,

Não me lembro de ver tanta foto de homenagem ou evocação dos Avós como as que vi ontem nas redes sociais. Muito álbum e foto deve esta gente ter arrumado no confinamento. Ou então andam todos com muita vontade de apresentar os antepassados ao mundo virtual. Verdade, verdadinha é que a pandemia tem feito muito mal à cabeça dos mais velhos. E não só

[#MundoDePantanasgoucha](#)

#EstadodeDesmergênciadia132 O telefone só toca a meio da noite para assustar o coração. Não foi nesta última, mas a ressaca da anterior em grande tensão deu-me uma insónia e li tudo o que encontrei sobre o bárbaro assassinio de Bruno Candé. Não tenho dúvidas de a cor da pele contou para o matador premir o gatilho e de que houve ódio racial. Mas também não tenho dúvidas de que se não existissem tantas armas legais e ilegais à solta, Bruno ainda poderia estar vivo. O crime foi tão violento e discriminatório que quase que deixamos passar ao lado a corrupta facilidade com que se compram armas e munições. Por que raio é que um enfermeiro reformado - era essa a profissão do assassino - tinha em casa uma arma roubada ou desviada de uma força de segurança, e ainda por cima transformada? O crime não pode ficar impune mas não podemos fechar os olhos às armas à solta que andam por aí e assobiar para o lado como se fosse um fenómeno exclusivo do Brasil ou dos Estados Unidos. Pergunto-me ainda a quantas pessoas terá o autor dos disparos infernizado a vida antes de assassinar Bruno. A Raquel Ribeiro ontem acertou na mouche quando falou dos danos "invisíveis" da Guerra Colonial. Portugal passou por eles como cão por vinha vindimada, como se nunca tivessem acontecido.

Hoje, o dia começou com uma agente da Polícia Municipal a tocar-me à porta porque um camião da obra tinha riscado o meu carro. Desci furibunda achando que eram os da obra ao lado mas percebi depois que tinham sido os do pequeno prédio construído em frente, pronto desde o Natal. Vieram com o grande aparato de um camião-grua mudar um vidro partido e umas garatujas vandalizadas entretanto, com polícia e a verdade é que passado o primeiro impacto dos riscos na pintura, tenho de reconhecer que fizeram tudo by the book, tal como tinham tido a atenção de avisar a vizinhança de todos os cortes de rua durante a construção, mas

cada vez acho mais que a rua quer ficar só com estrangeiros e é por isso que nos vai melgando. O prédio estava mudo e quedo, muito dado à circulação de informações à rádio pavimento dos passeadores de cães, mas o mistério esclareceu-se e faltam as licenças de habitação. Há mais de 6 meses que faltam, consta que acontece o mesmo com um hotel de charme numa rua próxima que está pronto para abrir há bem mais tempo

[#MundoDePantanasgoucha](#)

#EstadodeDesmergênciadia133 A velhinha muito velhinha que via o mundo à janela do seu rês-de-chão morreu, disse uma vizinha, mas o casal que há cerca de 20 anos marca o ponto à porta da PGR voltou sem máscara e com os cartazes cada vez mais velhos. Ausentaram-se por uns tempos, vá lá saber-se se foram de férias ou estiveram confinados, e embora tivesse reparado que não estavam no seu sítio do costume, só tomei consciência disso quando a Rosa Pedroso Lima se intrigou com o sumiço das personagens que passaram a fazer parte da paisagem. Dei os parabéns a um colega do jornal e murchei a pensar quando poderemos voltar a cantar os parabéns à molhada e fazer os belos lanches coletivos e animados. Vai levar tempo, conclui esmorecida

[#MundoDePantanasgoucha](#)

#EstadodeDesmergênciadia134 Veio-me à cabeça a palavra Capelista, talvez por me recordar a pessoa que nos ia buscar à escola primária quando ainda não tínhamos idade para andar sozinhos, talvez por temer que esta mudança de Estado de Emergência para Calamidade e, agora, de Calamidade para Contingência se assemelhe a uma banca quinquilheira de palavras que pouco dizem à maior parte da população. O mais eficiente é dizer que o vírus anda aí e que é preciso usar máscara, lavar as mãos e evitar festanças e ajuntamentos. Os médicos já avisaram e os relatos que me chegam de perto sobre o atendimento aos doentes oncológicos são um dano perigoso da pandemia. A minha amiga que ainda é parente foi mal atendida e diagnosticada na urgência de um hospital privado no período do Estado de Emergência. Valeu-lhe a Linha Saúde 24 mês e pouco depois. Agora está num caminho difícil com todos a torcer por ela. Talvez seja por ela que hoje me lembrei da Guilhermina que nos ia buscar à escola. Estás duas mulheres são muito diferentes e nunca se cruzaram,

embora fossem da mesma zona da Beira. A Guilhermina era uma grande frequentadora das capelistas por onde passava, fosse para comprar enfeites, botões ou linha Mercer 60 para fazer renda fina. Devo-lhe os provérbios populares que tanto uso e os relatos da infância dura que teve [#MundoDePantanasgoucha](#)

#EstadodeDesmergênciadia135

O mofo cheira mal, invade casas, gavetas e roupas e, modernice das modernices, agora até ocupou os pulmões de Bolsonaro disse o próprio. Ao invés há pessoas discretas com iniciativa, é o caso do meu colega Nuno Botelho que no início do Estado de Emergência percebeu que tinha vizinhos em apuros e colocou uma caixa na rua onde quem pode deixa alimentos e quem precisa leva, sem que uma mão veja o bem que a outra faz. Divulgou a ideia, as caixas foram-se multiplicando com o passar dos meses, alguns super e hipermercados aderiram e as caixas já estão em muitos locais do país. O Nuno Botelho é um tipo sossegado, discreto, mas são pessoas destas que fazem a diferença quando as crises se instalam [#MundoDePantanasgoucha](#)

#EstadodeDesmergênciadia136 Os vizinhos mais simpáticos do prédio não têm filhos mas falam sempre dos netos, porque nas relações emocionais contam mais os afetos do que os laços de sangue. Liguei para ele a dar os parabéns pelos 86 e disse-me que não ia sair mas teria a visita dos netos. Ainda há muitos hotéis fechados em Lisboa, o Vintage por onde passo no caminho para a fisioterapia abriu 2 semanas ou pouco mais mas já voltou a fechar, tal como mais 5 que vejo neste trajeto. São apenas a face visível e urbana de postos de trabalho que foram extintos ou pessoas em lay-off. Por esse país fora há milhares de pessoas que ficaram sem trabalho e outras que correm risco de perder o emprego. Pelo Facebook também há fotos de gente contente e a banhos neste sábado, 1 de Agosto, de um ano desafortunadamente pandémico. Não consigo perceber como é que um pulso partido rouba tanta mobilidade à mão. A força ainda percebo, mas o

acordar todos os dias inchada e imóvel não entendo. Mas constato, como também constatei que o misterioso lençol que esteve pendurado quase dois meses saiu finalmente da corda. Cá para mim levou um puxão do vizinho de baixo que se fartou de ter aquele trapo em cima da janela. Isto passa-se do lado contrário ao estaleiro da obra onde hoje ninguém trabalha

[#MundoDePantanasgoucha](#)

#EstadodeDesmergênciadia137 Ontem vi aqui no face a fotografia a preto e branco de um casamento onde fui quando tinha 7 anos. Só sei que tinha 7 anos porque a Maria Jordão informava quantos tinham passado desde então. Foi um grande casamento, fora de Lisboa, e nós lá fomos atrás dos meus Pais. Para assinalar a data a noiva de então publicou duas fotos de bolos que terão sido comidos ontem, num piquenique: o dos festejos dela e do marido, e o do casamento do filho que casou pelo civil, só com as testemunhas presentes, e juntou a família num pequeno piquenique cumprindo à risca a etiqueta pandémica.

Também ontem, eu faltei ao casamento do filho de uma amiga dos tempos de estudante porque, entre outras coisas, a minha atual falta de destreza para comer civilizadamente não dá com etiqueta nenhuma. Aos quatro noivos Boa Sorte para a nova etapa de vida. A minha prima mais nova também tinha anunciado que casaria este ano mas quer-me parecer que o coronavírus nos vai roubar a festa como roubou a dos 40 anos dela. Dito isto querido Diário podes dizer ao mundo que a vida continua apesar dos tempos pandémicos

[#MundoDePantanasgoucha](#)

#EstadodeDesmergênciadia138 Moro num sítio que durante anos era muito sossegado apesar de ser no centro da cidade. Esse sossego foi beliscado nos últimos anos quando Lisboa se transformou num destino das companhias low-cost e ficou na moda. Muitos residentes foram pressionados para ir morar para outras freguesias e os apartamentos passaram a funcionar como Alojamento Local. Além disso, com a quantidade de voos a aterrar e a levantar por hora, surgiram novos

corredores aéreos e o barulho começou a incomodar mesmo de noite. De vez em quando sentia que estava farta daquilo até porque a dificuldade de estacionamento sempre tinha sido um problema sério. Mas, nem no pior pesadelo imaginei, que o prédio ao lado, em bom estado de conservação iria abaixo por causa de uma operação imobiliária de grande envergadura. Depois veio a obra, o prolongamento em mais de 5 metros da área de construção para as traseiras prejudicando a vizinhança, só quem vê sabe o que certas obras estão a fazer nas traseiras de Lisboa, e lá fomos aguentando o incómodo com que nunca contámos. E a meio disto tudo veio a pandemia que não só afeta os moradores da minha rua, como os do mundo inteiro. Eu quero ser otimista, mas isto tem estado sempre a descer...

[#MundoDePantanasgoucha](#)

#EstadodeDesmergênciadia139 Parei à porta esperando que viesse alguém dar-me o 'tirinho' com o termómetro de infravermelhos que só me faz lembrar as pistolas de fulminantes com que brincavam os miúdos dos meus tempos de criança. Foi esta tarde no Centro de Saúde, mas levo 'tirinhos' destes todos os dias na fisioterapia e não só. Aproveitei o tempo de espera para ler jornais espanhóis enquanto ia conversando com um jovem brasileiro que tinha perdido o emprego na restauração, um sítio chique de Lisboa, "não fechou mas está a 10%" contava ele, que também aguardava consulta, achando que mesmo sem trabalho é melhor viver em Portugal do que no Brasil "que consegue estar sempre a piorar". Da leitura do El País e do El Mundo a certeza de que Juan Carlos está totalmente lúcido. Tão lúcido que percebeu que tinha de deixar o país para evitar danos maiores à Espanha que, por enquanto, tudo indica ter servido bem durante uma época. Pena que a luxúria, ganância, o que lhe queiram chamar tolde a razão humana. Este comportamento que já seria ilegal e intolerável num banqueiro, é totalmente interdito a um Chefe de Estado que mais do que ninguém tem de servir a Res Publica. Montaram andaimes nas traseiras da obra, na verdade são dois andaimes duplos para acabamentos exteriores antes dos interiores

[#MundoDePantanasgoucha](#)

#EstadodeDesmergênciadia140 Conheci o Líbano pelos livros de Amin Maalouf, senti o sabor do húmus nos filmes de Nadine Labaki mas, ontem, foi o telefone que me trouxe retratos autofágicos de uma Beirute novamente destruída, atacada de dentro pela incúria criminoso de quem mantinha nitrato de amónio no meio da cidade. Desde miúda que me habituei às imagens daquela cidade esventrada, a ponto de sempre ter achado bizarro que lhe chamassem 'a Paris do Médio Oriente'. Nunca fui ao país dos cedros que consegue ter uma diáspora maior do que a nossa, mas ouvi histórias de portugueses/as casados com libaneses/as, no meio do confinamento li um comentário do filho de um desses casais no mural de uma amiga e o apelido materno lembrou-me que algures na minha adolescência me tinha cruzado com umas pessoas daquela família num casamento. Com o número de mortos a crescer, Beirute chora milhares de feridos e 300 mil desalojados nas manchetes do mundo inteiro, ou quase, porque a Espanha mancheta com as decadentes negociatas de Juan Carlos. A boa notícia deste 2020 de malefícios prodigiosos é que a minha amiga que ainda é prima vai fazer imunoterapia. É a primeira luz ao fundo deste túnel. Ser doente oncológico no meio de uma pandemia é substancialmente diferente do que enfrentar o cancro num outro momento

[#MundoDePantanasgoucha](#)

#EstadodeDesmergênciadia141 A dor é um lugar igualitário, o desconforto ou dificuldade de movimentos incomodam todos que passam por aquele centro de fisioterapia, embora a senhora de 70 anos que mora num bairro social e criou muitos filhos tenha mais capacidade de lidar com o incomodo físico do que o ex-governante, os jovens que se lesionaram a praticar desporto, ou eu na minha desavença com a Calçada portuguesa. Nunca imaginei que houvesse tanta gente nova com os joelhos avariados mas esta semana apareceram mais pulsos. Todos de máscara, cumprimentam os colegas de horário com quem nos cruzamos. Tenho o hábito de olhar para as pessoas desde que me conheço, nestes tempos pandémicos o olhar diz muito sobre a dor, os homens normalmente fazem mais esgares com o olhar como se aquele fosse o limite, eu brinco com a terapeuta que manipula chamando-lhe torturadora e, neste meu vício antigo de olhar, registo pormenores que fazem a história individual de

cada um, num sítio onde se cruzam pessoas de mundos muito diferentes. Morreu a Fernanda Lapa neste ano de desconcertantes acontecimentos. Lembro-me exatamente do sítio onde a vi pela primeira vez, creio que em 1976. Foi no Teatro Vasco Santana que a fuçanguice imobiliária se encarregou de demolir, numa sessão do MUTI, eu era miúda mas naquela fase pós revolução espreitava tudo, ia ver. Observava. E ainda olho vendo no dia em que passam 75 anos sobre a loucura de Hiroshima

[#MundoDePantanasgoucha](#)

#EstadodeDesmergênciadia142 Se o navio carregado de Nitrato de Amónio tivesse chegado a Moçambique, seu destino, Beirute não estaria a viver esta guerra autofágica. Se o armador russo tivesse feito o que devia a carga teria deixado o porto da capital do Líbano. Se as autoridades libanesas tivessem dado atenção aos sucessivos avisos isto não teria acontecido. Inércia, incúria, desleixo, laxismo, males comuns a muitos países. Perto do Nitrato de Amónio estavam também os silos que até aí armazenavam mais de 80% das reservas de trigo do Líbano. Beirute precisa de ajuda, os libaneses precisam de ajuda. Cada relato é mais duro do que o anterior, cada imagem pior do que as outras, mas no meio das explosões houve bebés que nasceram e sobreviveram. Nós só vemos imagens e lemos ou ouvimos relatos. Aquelas pessoas estão lá no meio de casas e ruas rebentadas. Se não receberem ajuda imediata vai ser tudo pior do que o horror que agora vivem.

No retângulo há novos surtos de Covid-19 em lares de idosos, e já se sabe que no de Reguengos foi o que foi por desleixo, incúria, laxismo, falta de cumprimento de normas de segurança. Se, talvez deixe de se dizer se, quando acabarem Todos os Ses do Mundo

[#MundoDePantanasgoucha](#)

#EstadodeDesmergênciadia143 País a arder e os mais velhos a sonhar correr. Os centros de dia reabrem dia 15, assim anunciaram, não digo idosos nem seniores porque são termos que me causam brotoeja pela correção política que encerram. Só quem nunca lidou de perto com pessoas de mais idade é que não percebe nem imagina o mal que estes meses de encasulamento pandémico lhes fez. Os que se mexem e estão relativamente autónomos perderam mobilidade e alegria. Os que já têm falhas pioraram porque perderam rotinas. Os que tiveram problemas de

saúde, outros xeliques que não o vírus, foi um dilema para as famílias decidir se iriam ou não ao hospital. Os que nunca foram medrosos ficaram com medo, os que nunca saíram à noite tentaram escapar-se de madrugada, e os que já passavam muito tempo sozinhos ficaram ainda mais isolados. Aqui mesmo ao lado, em Espanha, o país com a maior taxa de contágio da Europa, morreram milhares de velhos, e os pilares do sistema de lares e residências ruiu como se fosse de papel. Quando passar a atenção noticiosa no exílio do rei que já não é chefe de Estado e de todas as negociatas em que se meteu quando já tinha idade para estar quieto e reformado, far-se-á esse balanço. Acontecerá em Espanha e noutros países, os libaneses saem hoje à rua para protestar e chorar a tragédia das explosões.

A obra está em mínimos de funcionamento neste segundo sábado de Agosto (dia 8)

[#MundoDePantanasgoucha](#)

#EstadodeDesmergênciadia144 A pandemia mudou a percepção do tempo, do correr dos dias e das horas, há pessoas a fazer coisas que dificilmente fariam porque a panela de pressão dos últimos meses as fez olhar de outra maneira para o lado de fora. Uma amiga que sempre achou que fazer uma mala era o cabo dos trabalhos, aeroportos e outros portos uma coisa maçadora, anunciou há 8 dias que iria para Porto Santo, não foi mas já está numa das ilhas dos Açores, diz que o IRS este ano foi camarada na devolução, mas eu acho que o espírito pairante da Covid lhe deu um clique no pensar, não sou a única a ter este convencimento de que descobriu que o tempo é finito, tem prazo de validade.

Em criança tive a curiosa mania de abrir a gaiola dos canários da minha querida vizinha por achar que bichos não deviam viver em casas ou gaiolas. Hoje sei que gente também não gosta de estar engaiolada

[#MundoDePantanasgoucha](#)

#EstadodeDesmergênciadia145 Sei de uma sabedoria que aprendi sem ninguém me ensinar que os momentos de partida e de regresso passam pela porta da memória dos cheiros, da iluminação, da alegria, da tristeza,

da dor, dos desafios, das expectativas, do medo do que não se vê nem palpa. Sei por saber sem ter experimentado nem ninguém me ter ensinado que é muito mais difícil lidar com uma doença grave no meio de uma pandemia que virou o mundo, do que nas rotinas que existiam até há bem pouco tempo. É mais difícil ser precário, refugiado, migrante, desempregado, viver confinado em pouco espaço.

Este dia encoberto que poderia ser uma trégua no calor começou com mensagem a dizer que a minha a minha amiga que ainda é parente teve de ir de urgência para o hospital. Esperemos que a imunoterapia comece depressa e funcione

[#MundoDePantanasgoucha](#)

#EstadodeDesmergênciadia146 Não vamos ficar iguais depois desta pandemia. A mudança pode durar muito ou pouco até regressarmos ao nosso eu, e será mais profunda e duradoura para quem não teve direito a viver um confinamento protegido e seguro, para quem perdeu o emprego, família ou amigos, para quem esteve doente de covid-19 ou outro mal, para quem esteve sempre a trabalhar fora de casa, para quem não gostou de estar engaiolado. Não vamos sair iguais destes meses e não vamos sair melhores, mesmo que não saíamos piores. As mudanças estão a ser estudadas aqui e noutros países, há vários projetos, inquéritos em marcha. O Memória Covid tem um site (<https://projetos.dhlab.fcsh.unl.pt/s/memoriacovid/page/projeto>) onde todos podem colocar o seu testemunho, estejam onde estiverem. Apetece-me enganar o vírus, o temor, a pressão, desinfeta-lo com lixívia e bicarbonato de sódio, pôr-lhe uma ação de despejo e dar-lhe um prazo para viajar para Marte sem bilhete de volta

[#MundoDePantanasgoucha](#)

#EstadodeDesmergênciadia147 Há pessoas começadoras, que têm a incrível capacidade de reinventar novos trilhos sempre que o anterior se esgota. Hoje é um dia importante para o meu primo Nuno Goucha, o

exemplo mais completo das pessoas começadoras do meu círculo de amigos. Foi bailarino da Companhia Nacional de Bailado, aos trinta e tal foi estudar marketing para o UK, começou a trabalhar numa empresa espanhola, mudou-se para Madrid, os filhos cresceram aí. Por volta dos 50 a empresa mudou de mãos, a crise já espreitava e o Nuno foi desamigavelmente rescindido. Em vez de deprimir foi estudar para o Basque Culinary Center, fazia umas centenas de quilómetros todas as semanas de camioneta para tirar uma formação em Gestão de Restauração. A presença da Troika na península atrasou projetos mas o Atlantik Corner abriu finalmente em Setembro de 2015 no Bairro das Letras, coração de Madrid, com uma excelente cozinha Atlântica e uma carta recheada de bons vinhos portugueses. O espaço era aprazível, o pessoal simpático, rapidamente ganhou um selo Gourmand da Michelin. Tudo corria de vento em popa até à pandemia fechar tudo e esvaziar o centro da capital espanhola de madrilenos e turistas. O Nuno concluiu que não conseguiria reabrir e manter a dúzia de postos de trabalho da sua equipa num restaurante sem terraza e com uma lotação máxima para 60 pessoas. Para falar verdade andava preocupada com ele e com o destino de todos os que trabalhavam no espaço onde jantei pela última vez a 28 de Fevereiro de 2020.

No domingo passado recebi um vídeo da azáfama do novo Atlantik Corner, numa transversal da Castellana lá para cima. Lindo, charmoso, acolhedor, com mais lugares para garantir o distanciamento social e com terraza. Numa zona mais residencial, com mais pessoas a circular. Não estou em Madrid mas é como se estivesse. Tchim-tchim à pessoa mais começadora que conheço e vê lá se crias um menu Magalhães - Elcano para 2021
[#MundoDePantanasgoucha](#)

#EstadodeDesmergênciadia148 A extrema-direita está a desconfinar, o momento é perigoso, o coronavírus escala como uma trepadeira em vários países da Europa, retângulo incluído, as notícias do Líbano são de resistência, coragem, sofrimento e carências de toda a ordem. A mão acordou pior, o Facebook suscita-nos simpatias e antipatias em pessoas que não conhecemos de lado nenhum a não ser daqui, as outras redes fazem o mesmo, e num ano pandémico em que tudo está tenso e cada qual lida com os seus próprios problemas conforme pode há quem se exalte e interprete comentários com um impacto que nunca teriam numa

conversa em tempos normais. Apesar dos desamigações e bloqueios que alguns fazem, a rede também é espaço de bons bate-papos virtuais, trás notícias de antigos amigos do liceu e outros tempos remotos.

Paciência, paciência e muita paciência é o que todos precisamos neste 2020 que veio avariado. Paciência e poucas expectativas para não ficarmos inquietos e ansiosos. Ando a tentar convencer-me que os planos podem ser inimigos da sanidade mental neste momento. A obra prossegue imune a tudo. Vi uma pessoa que costumava ver todos os domingos e já não via desde o confinamento, há cinco meses

[#MundoDePantanasgoucha](#)

#EstadodeDesmergênciadia149 Não sei se andam a fazer um remake da Guerra Fria, é o que me começa a parecer este sururu sobre a vacina contra a Covid-19. Nada disto contribui para alguém ter segurança nas soluções que venham a surgir, é muito mau que um assunto científico e de saúde pública se transforme num jogo de poder entre potências. Fui à primeira Festa do Avante e, talvez, a uma dezena de edições nestas quatro décadas. Não entendo porque é que o PCP persiste nesta teimosia que em último caso lhe vai custar votos. Fazer a festa numa altura destas parece coisa de quem vive numa redoma, e não de um partido que em vários momentos teve posições sensatas face ao que se estava a passar

[#MundoDePantanasgoucha](#)

#EstadodeDesmergênciadia150 Nunca apreciei a ideia de ter bichos dentro de um apartamento, mas cuidei muito bem dos meus bichos-da-seda, foram a exceção dos meus tempos de criança, fascinava-me o crescimento diário dos bichos que só comiam folhas de amoreira que ia buscar todos os dias e ali viviam em caixas de camisas ou sapatos. Depois via a construção dos casulos em que hibernavam, a lenta fase das crisálidas aprisionadas e o momento em que brotavam borboletas. Hoje é o dia 150 deste diário, um bocadinho mais do que os 5 meses desde que saí para trabalhar pela última vez, um bocadinho menos de 5 meses sob o decreto de Estado de Emergência, metade dos quais a trabalhar em casa, metade dos quais de braço engessado ou convalescente, estou cansada,

qual crisálida presa no casulo, neste 2020 de alerta constante em que a cidade de Beirute foi destruída pela carga autofágica que ali estava armazenada. A obra continua a cumprir rigorosamente os feriados religiosos, reina o silêncio neste sábado de meio de Agosto de um ano em que tudo pode ter 'intendência' a piorar e há demasiados governantes e responsáveis a debitar números como se as pessoas fossem folhas de Excel

[#MundoDePantanasgoucha](#)

#EstadodeDesmergênciadia151 Só é ministro quem quer, que eu saiba não há registo de alguém ter aceite um cargo destes com um rolo da massa em cima da cabeça, governar é um acto de serviço público prestado ao povo e há pastas mais sensíveis do que outras porque mexem diretamente com a segurança das pessoas naquilo que é mais próximo e imediato.

Quase que perdi o número de anos que olhei e mergulhei no mar de Alvor, não perdi mas tenho dúvidas nos que falhei essa praia maravilhosa, mas este ano confinada, convalescente e dependente que estou, não fui apresentar os meus respetos à praia, à ria e à antiga vila onde morreu D. João II ao que se diz envenenado a mando da mulher, embora a História nunca tenha confirmado o envenenamento. Certo é que o rei morreu na vila a que concedeu foral, no local onde hoje uma placa assinala que ali terá sido a casa do Alcaide-mor. Em Alvor comer-se bom peixe, há gente simpática e uma rua batizada com o nome de Capitão Alfredo José Barroso, pai de Maria Barroso que por acaso nasceu noutra lado do Algarve. Nas longas caminhadas que fazia pela praia antes das hérnias me azucrinarem, cruzei-me muitas vezes com o casal Barroso Soares na década de 80, mas nessa época não existiam selfies nem redes sociais. Este ano que faltei à praia e aos mergulhos perdi a hipótese de ver o grande salvamento da época ao vivo. E uma amiga que lá está de férias e é jornalista não deu por nada...

Esta tarde há uma manifestação antirracista em Lisboa e outra no Porto

[#MundoDePantanasgoucha](#)

#EstadodeDesmergênciadia152 Presto muita atenção ao que os outros dizem embora muitas vezes não tuja nem muja, mas isto é só quando estou mansinha e sabedora, porque quando estou brava opino e falo e as vezes dá asneira porque alguns não gostam. Prestando atenção ao Outro / Outra dei por mim a matutar no discurso e atitude semelhante que têm duas pessoas próximas de je, que não se conhecem de lado nenhum, têm duas décadas de diferença de idade, percursos e culturas diferentes, mas uma atitude muito semelhante face ao mundo que as rodeia e aquela coisa chata de o que está à nossa volta nem sempre ser como a gente queria que fosse. A mais velha, da minha geração e pessoa próxima, disse há pouco que hoje acha que foi demasiado alto o preço que pagou para não ter de aturar chefias e essas cenas que o comum dos mortais tem no seu quotidiano. A mais nova não faço ideia do que dirá daqui a 20 anos, sei apenas que tem mais retaguarda como se costuma dizer. Dito isto há atitudes que atravessam décadas e confinamento.

No dia 3 de Julho pedi para me fazerem uma compra online que ainda não chegou. Mas entrou agora um email a dizer que foram de férias e que só em Setembro. A estes nunca mais. O bólido vai ter uma segunda peritagem, tudo por causa do 'beijinho' do camião-grua

[#MundoDePantanasgoucha](#)

#EstadodeDesmergênciadia153 Tinha um sorriso luminoso que irradiava um imenso apego à terra de onde brotam alimentos, sustento, equilíbrio do planeta e da justiça social. A Maria Do Carmo Bica acreditava nas pessoas, num mundo melhor, nas causas e no trabalho político, na diferença que o seu empenho quotidiano poderia ter nas terras de Lafões onde cresceu. Tínhamos os mesmos trisavós, não convivi tanto com ela quanto gostaria, mas sabíamos de onde vínhamos mesmo que os caminhos feitos por muitos de nós sejam diferentes. Foi ela que me despertou para a importância da agricultura sustentável como forma de travar a desertificação do interior, não esquecendo as tradições que nos ensinam o caminho para um ambiente menos poluído. Falava da Gazeta da Beira, um empenho que lhe veio do tio. Foi o António, esse seu tio, de quem ouço toda a família falar com estima e respeito desde que me

lembro de mim como gente, quem me ligou esta manhã. Toquei no símbolo verde e só despertei do silêncio quando me perguntou 'és a Manela?', adivinhei o que tinha para me dizer num telefonema aquela hora. Ontem à noite ainda peguei no telemóvel para ligar ao Pedro mas desisti para evitar que me saísse uma qualquer banalidade pela boca fora. Voltaste ao hospital antes de te poder ir ver e ter hipótese de te dizer o muito que aprendi contigo. Nunca saberemos se o cancro poderia ter sido travado em tempos não pandémicos e também não há cravos nos emojis para te deixar aqui um. Até sempre querida Carmo. Não gostei de escrever este diário deste dia de chuva. Mas devia-te a despedida ou pelo menos precisava de a fazer.

(soube entretanto que o município de Vouzela decretou 2 dias de luto pela diferença que fizeste)

[#MundoDePantanasgoucha](#)

#EstadodeDesmergênciadia154 A Carmo partiu menos de um mês depois de ser operada. Foi tudo muito rápido desde que no final de Março, em pleno Estado de Emergência, foi à urgência de um hospital privado em Lisboa com sintomas que não é preciso ser médico para saber que são sintomas de alerta. Nesse dia teve o azar de dar com uma médica que lhe disse que não era caso para ir à urgência em plena pandemia. A meio de Maio, depois de ligar para a Linha Saúde 24, as coisas começaram a andar. Pela velocidade explosiva com que tudo se passou poderia ser tarde demais no final de Março. Nunca saberemos. Mas sei que quem a atendeu na urgência nesse dia se enganou redondamente, por causa de toda a tensão que se instalou com a pandemia. Vão continuar a existir surtos e o Inverno vai ser difícil em muitas áreas sobretudo na saúde. Temos de ser vigilantes para evitar situações piores do que a covid-19 na oncologia e outras patologias. Há muita doença a matar além da covid-19. Não vale a pena fazerem comentários a desvalorizar o vírus porque achamos que a pandemia é para levar a sério e com todas as cautelas. Mas temos todos de estar alerta para evitar partidas demasiado cedo

[#MundoDePantanasgoucha](#)

#EstadodeDesmergênciadia155 A Igreja aqui da zona colocou uma grande cruz de madeira na parede exterior, junto à porta de entrada, nesta fase pandémica. Ouvi hoje um vizinho daqueles que controla tudo o que se passa no bairro dizer que estão a rezar missas na escadaria. A cruz chamou-me a atenção quando lá passei esta manhã por estar enfeitada com flores. Tenho reparado pouco na obra que continua com barulhos muito ativos. Finalmente comprei máscaras que batem certo com o tamanho da minha cara e não fazem folhos como se folhos. Não me apetece contar mais nada porque só penso no que contei nos últimos dois dias

[#MundoDePantanasgoucha](#)

#EstadodeDesmergênciadia156 A farmácia mais próxima a modos que desconfinou a fronteira de plástico ou acrílico que, nos últimos meses, dividia aquele retângulo sobre o comprido. Voltaram ao formato inicial dos balcões, com um acrílico ao alto em cada um, e o aspeto é de aligeiramento na confinação. A CGD tem uma promoção em que dá um vale do Continente a quem subscrever uma coisa que não vem ao caso até ao fim do mês. Nasci num tempo em que fico desconfortável com estas misturas de bancos com vales para arroz e lixívia, quer-me parecer que os bancos estão a subir comissões, já ouvi várias pessoas comentarem, e o meu informou-me que as transferências online têm custos para eles enquanto que se forem feitas no multibanco os custos vão para a SIBS. Esquecem-se que só existem porque as pessoas lá colocam dinheiro depositado. Avisto algo que os meus olhos leigos assemelham a gravilha vermelha na cobertura de uma espécie de vivendas da obra. São umas casas baixinhas que ficam confinadas entre os grandes prédios que dão para duas ruas paralelas que, mais do que confinadas parecem engaioladas

[#MundoDePantanasgoucha](#)

#EstadodeDesmergênciadia157 'Fiquei retido no meu próprio país' disse-me um ex-colega de jornal com quem fiz algumas reportagens que ambos gostamos de fazer nos últimos anos. Lembrei-me desta frase bombástica que ouvi ao telefone pouco depois de partir o braço, porque hoje troquei mensagens com o João que já não está retido no seu próprio país mas também não voou para Ocidente para chegar ao país onde iria integrar um daqueles projetos profissionais que os jornalistas gostam e querem experimentar. Tudo por causa do cancelamento do espaço aéreo, do fecho de fronteiras que atrapalhou tantos projetos de vida. O grande desafio do meu ex-colega está em banho-Maria mas ele está mais contente porque, após várias tentativas, conseguiu finalmente voar para Oriente e chegar à terra onde tem vivido nos últimos anos, e de onde tinha saído no fim de Fevereiro. Parece confuso mas aconteceu a mais gente por esse mundo fora e não apenas a quem entra hoje no último ano de uma década

[#MundoDePantanasgoucha](#)

#EstadodeDesmergênciadia158 Lisboa parece-me estranha, o meu tu cá tu lá com a cidade hiberna, levaram-me a dar uma volta, na verdade não levaram, a ideia não era essa, apenas fazer o caminho de um ponto para outro sem ser completamente a direito e do modo mais rápido. Quis o acaso que parte do 'passeio' fosse feito atrás do elétrico 28, aquela carreira onde o homem do FMI ficou sem carteira, vi turistas a descer, turistas a subir, mas também vi turistas ficarem apeados porque agora o elétrico tem lotação e não se pode andar à pinha e ao monte como se andava antes do vírus. Há turistas no Chiado, são poucos mas existem, ar contente, uns de máscara outros de cara ao léu. O elétrico foi andando, ronzeiro, deixámos de o seguir porque os sinais de trânsito assim ditaram e chegámos à Graça onde vi muito menos gente do que teria visto há um ano. Há muitas alterações nos circuitos do trânsito na parte antiga da cidade que deambula em busca de gente que povoe as zonas de onde saiu gente para dar lugar a viajantes conhecidos por turistas. O calor voltou neste penúltimo domingo de Agosto

[#MundoDePantanasgoucha](#)

#EstadodeDesmergênciadia159 Fiquei entre o deslumbrada e o desconfiada quando vi a médica levantar-se e avançar para o lado da secretária onde a paciente, que era eu, estava sentada com um astrolábio transferidor para medir o desvio a recuperar. Comentei que a reguinha articulada tinha algo a ver com os esquadros e transferidores que usei nas horríveis aulas de desenho geométrico dos tempos de liceu. Respondeu que o Goniómetro de seu nome é utilizado em ortopedia para medir desvios de fraturas em articulações. Serei medida pela régua dentro de três semanas mas quando comparei na frente dela, mas por decisão minha, as habilidades atuais do lesionado braço direito com o esquerdo torci o nariz ao mesmo tempo que ouvia 'tem muita fisioterapia pela frente, nada de forçar, tente nadar um pouco para recuperar massa muscular' e mobilidade das 3 articulações. Tenham muito cuidado com a maldita calçada portuguesa que em Lisboa e outras localidades está em tão mau estado, e atenção a todas as armadilhas no geral. Eu ia bem calçada e com atenção quando patinei naquelas pedras em péssimo estado de conservação. O lado bom da consulta foi ter aprendido uma nova palavra, conhecido um novo objeto, que mais não é do que um astrolábio aplicado à ortopedia, mostrando que os ângulos são determinantes

[#MundoDePantanasgoucha](#)

#EstadodeDesmergênciadia160

Cruzei-me com a minha mais antiga amiga a meio das Avenidas Novas quando regressava a pé da fisioterapia, é preciso caminhar para evitar perder ainda mais massa muscular no meio de tanta imobilização confinada, e acabei perdida na conversa. Sentamo-nos numa esplanada, comi o primeiro gelado de gelataria do ano, pistachio como muitas outras vezes, regalei-me de tagarelice e gelado a ponto de nem me lembrar que estava quase a trair o horário desta já longa relação com o meu MundodePantanas. Veio à baila o centenário do nascimento do Pai dela que deveria ter direito à organização de uns colóquios se não estivéssemos a viver um ano avariado e pandémico. Falei ao telefone com a minha colega de jornal que teve um acidente grave um dia depois de eu ter partido o braço, gostei de a ouvir, voz mais firme, muita vontade de

voltar ao trabalho, mas a não ser que o diabo teça alguma ainda terá de esperar uns bons meses enquanto eu já avisto um prazo calendarizável a menos de 30 dias.

O carro está finalmente a ser consertado depois de vários dias de estágio na oficina à espera que entre peritagens e contra-peritagens o seguro do camião-grua que amolgou as portas quando estava estacionado perto de casa desse luz verde à substituição

[#MundoDePantanasgoucha](#)

#EstadodeDesmergênciadia161 Não damos o devido valor à figura dos muitos João Semana que existiram por este país e mundo fora, talvez ainda restem alguns destes médicos que tratam pessoas sem grandes meios de diagnóstico porque sabem olhar para elas, fazer as perguntas certas para perceber a sua história e, muito importante, ouvi-las porque as queixas dos doentes são sintomas mesmo quando não são devidamente explicados. Vem isto a propósito da fisioterapia onde fui parar por recomendação de uma pessoa que tinha feito esta fratura no início deste ano avariado. A fisioterapeuta-chefe é competente na manipulação que faz doer para chouchou mas anda sempre acelerada até porque é essa a sua natureza. Eu ia-me queixando que a mão não mexe de manhã mas o foco era o pulso. Disse à médica fisiatra, à ortopedista, mas o pulso tem uma fratura que é um berbicacho. Esta semana resolvi dar uma de fazer prevalecer a minha costela de médica, já que de médico é de louco todos temos um pouco, e pedir para passarem o laser e ultrassom na mão que sentia cada vez mais inflamada e inchada. Acho que está a fazer bem embora ainda seja cedo para deitar foguetes e dizer que sou uma boa 'coach' de mim própria.

Há um surto expressivo no Hospital de Vila Franca de Xira, outro num lar em Santarém e o número de infetados deu um pulo de ontem para hoje. A ministra diz que estavam 'artificialmente baixos', eu temo que a causa possa ser a circulação deste pandémico mês de Agosto

[#MundoDePantanasgoucha](#)

#EstadodeDesmergênciadia162 Agosto já vai no fim e eu não pus o pé na praia, nem na minha nem noutra qualquer, graças às dependências várias do meu braço partido e convalescente. O surto em 2 ou 3 restaurantes da Comporta lembrou-me disto, até porque um desses restaurantes é na praia, segundo li. Há quase dois anos estive em Valência que é uma das raras cidades onde não me importaria de viver. A imprensa espanhola de hoje conta que Múrcia e Valência já pediram ao governo que enviasse rastreadores militares porque estão mais do que preocupados com o aumento de casos. Dito isto, acho que temos de ter todos juízo e cuidado se não quisermos ter um inverno de permanente sobressalto. Pela parte já me chega a obra a criar sobressaltos ruidosos.

Do início do confinamento até agora foi-se a vista para a Basílica. Era de esguelha mas era bonita. Vi hoje o primeiro Hipotrip (aquele autocarro anfíbio e amarelo que entra na água em Belém e tem rodas no resto da cidade) neste verão com poucos turistas em Lisboa

[#MundoDePantanagoucha](#)

#EstadodeDesmergênciadia163 Mês de Agosto a circular, infeções a disparar, não acho graça nenhuma escrever a rimar, 401 novos infetados testados no dia de hoje, ingleses a chegar e a amontoar em filas no aeroporto de Faro. Ontem na fisioterapia uma das jovens terapeutas que trabalha a recibos verdes, embora cumpra horários, disse-me que ia começar a fazer um plano poupança covid-19 porque receia que volte tudo a fechar. O grande problema das infeções dispararem é o risco de fechar tudo de novo e os enormes danos que a pandemia está a criar noutras áreas da saúde. A Maria Do Carmo Bica partiu há 10 dias, depois disso já soube de dois casos rápidos e trágicos na área oncológica que tal como o dela poderiam ter tido outra evolução em tempos normais. 'São dias sem promessa de dia seguinte', como escreveu o meu colega Jorge Araújo no Expresso Curto desta última sexta-feira de Agosto

[#MundoDePantanagoucha](#)

#EstadodeDesmergênciadia164 O coronavírus gosta de praia e festas está mais do que comprovado, tanto acamarada com pelintras como com o Jet Set, em Itália o famoso restaurante e clube noturno Billionaire saltou das páginas das revistas cor de rosa para a imprensa séria porque Briatore, o seu proprietário que ainda há dias tirava fotos sem máscara ao lado de Silvio Berlusconi, está infetado. Igual destino teve a deputada Elvira Savino que jantou no dito Billionaire, e agora manda Salvini usar máscara enquanto morre de saudades do filho por estar em isolamento preventivo. O governador da Sardenha não está nada contente com tanta infeção e diz que o vírus veio com os turistas, o mesmo poderá ter acontecido em Formentera, a mais pequena e exclusiva ilha das Baleares, onde já fecharam o restaurante El Pirata depois de vários clientes se terem infetado lá, porque existiam trabalhadores que deviam estar em isolamento e estavam a trabalhar. Tudo em sítios xiquitinhos, tipo Comporta daquelas belas terras mediterrânicas, tão xiquitinhos que nem se lembram que este é um ano pandémico e que grande parte dos funcionários desses locais são trabalhadores sazonais que vivem em casas onde não há espaço para manter a distância social que a finta ao vírus exige.

Quem provavelmente não tem férias são os operários da obra que estão a labutar este sábado como em todos os outros, eu fiz uma vida mais normal em toda a semana útil que passou, até fui umas vezes de autocarro para a fisioterapia em vez de táxi ou tvde, o regresso foi sempre a pé

[#MundoDePantanasgoucha](#)

#EstadodeDesmergênciadia165 Devemos exigir uma lista completa e pública de todos os lares onde houve casos de infeção, mortes, incúria, desleixo, os números não têm nomes, emoções, caras de gente, são importantes para o balanço pandémico mas é preciso saber onde ficam esses lares, se são privados ou de IPSS, o tamanho que têm, número de funcionários etc, para podermos melhorar o 'sistema', essa coisa que serve para desresponsabilizar tudo.

Boa parte dos contágios deve ter acontecido via funcionários, devem ter sido bem mais do que aqueles que resultaram de visitas das famílias, até porque estiveram quase sempre proibidas, os casos de Arouca e Reguengos mostram que a falsa segurança que se sente nas terras mais pequenas levou as pessoas a afrouxar medidas de proteção. Os casos de contágio dispararam na semana que ontem terminou, era escusada a justificação dada terça-feira de que as contas não estavam feitas como deve de ser porque os dias seguintes mostraram outra realidade, fruto da circulação de pessoas

[#MundoDePantanasgoucha](#)

#EstadodeDesmergênciadia166 Cada tiro cada melro, a confusão criada pelo comunicado da DGS de ontem dizendo que não iria divulgar as regras para a Festa do Avante era perfeitamente escusada, se a dita DGS se tivesse lembrado que toda a gente tem o direito de saber quais são as ditas normas. Os melros não têm nada a ver com a festa que muita celeuma tem dado, já fui a várias mas este ano só uma mistura de teimosia e 'fé' justifica a sua realização, os contágios a disparar e a festa a desconfinar, vamos ver o que isto vai custar a vários níveis.

Morreu a La Salette Fernandes, jornalista que conheci quando ainda na faculdade fiz um estágio de verão na ANOP. O meu primeiro emprego quando acabei o curso foi no recém-nascido Semanário Económico onde escrevia para as páginas de cultura, à máquina, que no princípio ainda era à máquina, as folhas eram linguados, e o jornal era feito em duas assoalhadas por cima da Casa Frazão na Rua Augusta. Tempos divertidos, a La Salette uma mulher de garra, autêntica e igual a si própria em todas as ocasiões. Em menos de um ano é a terceira pessoa que conheço da minha geração, mais 5 anos menos 5 anos, que morre de cancro

[#MundoDePantanasgoucha](#)

#EstadodeDesmergênciadia167 Há pessoas que nos estimulam a criatividade, há outras que nos atrofiam, quem passa pelas coisas sem se deixar afetar e aprender pode ter uma séria dificuldade de percepção do real, espero que a DGS tire conclusões sobre a demora em decidir as normas a aplicar à Festa do Avante e a divulgá-la, o PCP também não precisava de ter batido o pé à dizer que não queria lugares sentados nos espetáculos porque afinal vão mesmo ficar sentados e com 2 metros de distância. O Outono é o Inverno vão ser difíceis para todos, andarem a arranjar rodriguinhos para criar tensão no espaço público não adianta a ninguém e só desvia a atenção do essencial que já é muito.

A vizinhança voltou em força à cidade, as ruas têm os lugares todos ocupados, já há carrinhos quase em cima do passeio coisa que não se viu em Agosto. O barulho das obras persegue-me, agora é no prédio da fisioterapia porque não bastava o xinfim que ouço em casa, antes deste pesadelo na minha rua começar foram perto do meu local de trabalho, ruído e pó para onde quer que vá

[#MundoDePantanasgoucha](#)

#EstadodeDesmergênciadia168 Setembro é o meu mês de recomeço de ano, quero cá saber que Janeiro seja o oficial, e nunca pensei que o coronavírus nacional, essa entidade manhosa e traiçoeira que nos pôs a vida de pantanas escolhesse Setembro para fazer 6 meses, ainda por cima no mesmo dia da minha afilhada mais velha. Perdemos sossego, tranquilidade e bem-estar nestes meses, muitos perderam trabalho e esperança, outros saúde, outros vida, não nascemos para confinamentos e clausuras. Tenho muitas saudades da vida antes deste vírus manhoso que nos mostrou horrores escondidos como a realidade dos lares de velhos. A única vantagem destes tempos pandémicos é andarmos todos com as mãos muito mais lavadas e a destilar álcool por todos os poros. Estou sem jeito desde que soube há 2 dias da morte estúpida, trágica e brutal da filha de uma amiga, 30 verdes anos que não resistiram à tensão e sobressaltos contínuos na frieza de um quarto de hotel de uma capital europeia

[#MundoDePantanasgoucha](#)

#EstadodeDesmergênciadia169 Fui ao Centro de Saúde, tenderia a afirmar que vi algum afrouxar das medidas de proteção mais por distração do que

por outra coisa, mas se há certeza que temos é que o coronavírus adora distrações humanas. Pior, a ponto de me fazer pensar 'o que é isto, Maria Manuela', foi ter aproveitado a ida ao Centro de Saúde que funciona num antigo dispensário que deve ter feito parte da luta contra a tuberculose, para combinar um encontro com uma amiga no pátio daquele velho edifício. O que é que está a acontecer com a minha cabeça e com a dela que por morar perto achou normal trocarmos o café pelo centro de saúde, depois fartámo-nos de rir, rimos sempre muito quando nos vemos desde os tempos em que passávamos metade das aulas a falar ou trocar bilhetes que circulavam por mais colegas, e acabámos a comentar que aquele espaço seria um petisco para gulosos investidores imobiliários em tempos sem que não se perfilasse uma crise no horizonte.

Berlusconi está com Covid-19, como já se previa desde que aqui contei no último domingo o que tinha acontecido na sarda costa esmeralda com Briatore e outros frequentadores do seu clube noturno e restaurante que andava a ver o que iria acontecer ao polémico ex-primeiro-ministro italiano. Se tivesse acabado o liceu antes da Revolução de Abril teria assistido à xaropada de aulas de OPAN (organização política e administrativa da nação) e decorado umas cenas sobre o Estado Novo para passar no exame. Como acabei depois, tive aulas de Introdução à Política, que achei bastante chatas mas a disciplina era obrigatória e pronto. Não me serviram de nada, tal como não me serviram de nada as aulas de Moral e Religião que tive nos primeiros anos do liceu antes do 25 de Abril. Instalei a aplicação, mas duvido que seja instalada por mais de 30% da população

[#MundoDePantanasgoucha](#)

[#EstadodeDesmergênciadia170](#) Credo abrenúncio que o mundo está todo de pantanas, o Henrique Raposo escreveu uma crónica no Expresso em que apoia a Festa do Avante enquanto ato de resistência contra o Medo. Além desta bombástica e surpreendente tomada de posição, Raposo tem carradas de razão quando afirma que as pessoas estão a morrer de outros males que se agravam com o pânico da pandemia. Ao longo destes 170 dias de estado de alerta tive amigos que viram morrer os filhos, outros os pais, eu perdi amigos e uma prima com 57 anos acabados de fazer. Nenhuma destas pessoas morreu de Covid-19 mas todas foram vítimas da

frieza que veio com o coronavírus. Como escreve o Henrique Raposo as autoridades não podem continuar a olhar para a saúde das pessoas como se fosse uma folha de Excel que se papagueia todos os dias. Confesso que nunca pensei que seria possível contar-te o que te estou a segredar nesta primeira sexta-feira de Setembro querido Diário. Mas é o que faz viver há mais de 5 meses num mundo virado ao contrário. Estou roidinha de curiosidade para saber se o Raposo fez só um statement ou se vai mesmo à Quinta da Atalaia

[#MundoDePantanasgoucha](#)

[#MundoDePantanasgoucha](#)

[#MundoDePantanasgoucha](#)

[#MundoDePantanasgoucha](#)

[#MundoDePantanasgoucha](#)

[#MundoDePantanasgoucha](#)

[#MundoDePantanasgoucha](#)

[#MundoDePantanasgoucha](#)

[#MundoDePantanasgoucha](#)

[#MundoDePantanasgoucha](#)